



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sofia Daniela Rodrigues Pereira

**A aprendizagem da História, no 1º e 2º Ciclos
do Ensino Básico, através do Património
Imaterial de Guimarães: lendas, tradição
oral e recriação histórica**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sofia Daniela Rodrigues Pereira

A aprendizagem da História, no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, através do Património Imaterial de Guimarães: lendas, tradição oral e recriação histórica

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Maria Glória da Parra Solé

junho de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Todos os momentos da vida de uma forma ou de outra são marcos importantes na construção da história de cada pessoa. Este projeto foi um dos expoentes máximos da minha vida, pois representa a realização de um projeto pessoal e, acima de tudo, a concretização de um sonho muito antigo.

Ao longo de toda esta viagem, houve momentos em que precisei ultrapassar os meus limites, colocar-me à prova, exigir mais de mim, saber não desistir e acreditar que tudo é possível.

Nesta luta, nunca estive sozinha, pude contar em primeiro, com aquela que foi desde o início a minha mentora, a Professora Doutora Glória Solé: devo-lhe a gratidão de me ter dado a honra de aprender com os seus ensinamentos, de estar sempre presente como professora, como orientadora, como pessoa exemplo neste meu percurso. Um obrigada será sempre uma palavra pequena para expressar a marca que deixa no meu percurso.

Agradeço ao Agrupamento de escolas que me recebeu, na figura dos seus professores cooperantes, que me fizeram sentir apoiada e que foram também o exemplo abrindo as portas das suas salas de aula.

Neste projeto não fui só, comigo levei uma companheira de estágio: a Teresa Cunha. Foi o apoio incondicional, e fez-me sentir afortunada de partilhar a sala de aula e a vida com ela. Obrigada! Obrigada também às minhas outras colegas de curso.

Mas, se aqui cheguei, foi porque antes de tudo o resto, eu já tinha aqueles que comigo vinham da vida toda: a minha família - são o meu porto de abrigo em todas as horas, aqueles que me aceitam por tudo e com tudo aquilo que sou; obrigada pais, por tudo! Espero poder deixar-vos orgulhosos como merecem que deixe. Obrigada também ao meu irmão, que me ajudou sob muitas formas! Nós sabemos que estaremos sempre lá, para festejarmos as conquistas um do outro!

Por fim, quero agradecer aquele que foi o maior companheiro de aventura: o David. Apoiou-me desde o primeiro momento, abdicou de muitas coisas em prole do meu sonho, sem pedir nada em troca; foi o marido, o amigo, o ouvinte, a cobaia, de todas as experiências. Fê-lo, porque, como sempre dizíamos, estávamos a semear para os dois. Algures na jornada, acabamos por nos perder, talvez até, pela dureza de alguns dias, pelo cansaço da vida, enfim. Seja como for, quero que saibas que te agradeço profundamente tudo o que representaste. Sem ti, eu jamais teria chegado aqui! Obrigada!

“A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores” (Couto, 2013)

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A aprendizagem da História, no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, através do Património Imaterial de Guimarães: lendas, tradição oral e recriação histórica

Resumo

O estudo que aqui se apresenta foi desenvolvido em contexto de intervenção pedagógica supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Devido à Pandemia do Covid 19, foi implementado apenas no 1.º CEB numa turma do 4.º ano e no 2.º CEB construídas as propostas de implementação, mas não aplicadas na turma do 5.º ano onde se realizou o estágio. Com este projeto procurou-se compreender de que modo os alunos desenvolvem o seu processo de aprendizagem histórica tendo por base o património imaterial da sua localidade (Guimarães), através da exploração de lendas, tradições orais e recriações históricas, e de um processo de ensino aprendizagem construtivista.

Os dados foram recolhidos através de várias técnicas e instrumentos como, a observação direta, sistemática e participante, notas de campo, fichas de levantamentos das ideias prévias, trabalhos realizados pelos alunos, bem como, através de instrumentos avaliativos: grelhas de registo de competências, fichas de autorregulação das aprendizagens e fichas de metacognição, posteriormente analisados e categorizados tendo por base a metodologia da *Grounded Theory*.

O projeto permitiu concluir que o Património Imaterial Local, pode ter um papel fundamental no Ensino da História no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, pois, é possível criar-se uma consciência histórica nos alunos partindo do contacto e análise de fontes patrimoniais, quando tratadas como evidências históricas. Neste caso particular, o recurso ao Património Imaterial Local – Lendas, tradição oral e recriação histórica – mostrou-se eficaz no desenvolvimento de cognição e inferência histórica dos alunos pois, permitiu que estes fossem capazes de atribuir uma significância ao património imaterial para uma melhor compreensão da história local e nacional, diminuindo a distância espaço-temporal existente entre o tempo presente e o passado. Tudo isto deu-se através da pesquisa, da reflexão, da criação de espírito crítico, do saber histórico-científico, e de um envolvimento ativo na construção do saber.

Palavras-chave: lenda, património imaterial, património local, recriação histórica, tradição oral.

Learning History, in the 1st and 2nd Cycles of Basic Education, through the Intangible Heritage of Guimarães: legends, oral tradition and historical recreation

Abstract

The study presented here was developed in the context of supervised pedagogical intervention within the scope of the Master in Teaching of the 1st. Cycle of Basic Education and Teaching of Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd. Basic Education Cycle. Due to the Covid 19 Pandemic, it was only implemented in the 1st. CEB in a 4th year class and in the 2nd CEB the implementation proposals were built, but not applied in the 5th year class where the internship took place. With this project, we sought to understand how students develop their historical learning process based on the intangible heritage of their locality (Guimarães), through the exploration of legends, oral traditions and historical recreations, and a teaching process constructivist learning.

Data were collected through various techniques and instruments such as direct, systematic and participant observation, field notes, survey sheets of previous ideas, work carried out by students, as well as, through evaluative instruments: grids for registering competences, learning self-regulation sheets and metacognition sheets, later analyzed and categorized based on the Grounded Theory methodology.

The project made it possible to conclude that the Local Intangible Heritage can play a fundamental role in the Teaching of History in the 1st and 2nd Cycles of Basic Education, as it is possible to create a historical awareness in students from the contact and analysis of heritage sources, when treated as historical evidence. In this particular case, the use of Local Intangible Heritage - Legends, oral tradition and historical recreation - proved to be effective in the development of students' cognition and historical inference, as it allowed them to be able to attribute significance to the intangible heritage for a better understanding. of local and national history, reducing the spatio-temporal gap between the present and the past. All this took place through research, reflection, the creation of a critical spirit, historical-scientific knowledge, and an active involvement in the construction of knowledge.

Keywords: legend, intangible heritage, local heritage, historical recreation, oral tradition

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Lista de abreviaturas e siglas	ix
Índice de Figuras	ix
Índice de Tabelas	x
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO	4
1.1. Caracterização do contexto de intervenção	4
1.1.1. Caracterização da Instituição de 1º. Ciclo e da Turma de 4º. Ano	5
1.1.2. Caracterização da Instituição de 2º. Ciclo e da Turma de 5º. Ano.....	7
1.2. Problema que suscitou a intervenção pedagógica	8
CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
2.1. O Património Cultural Imaterial e a História Local	10
2.1.1. O património cultural imaterial: lendas, tradições e recriações	11
2.1.2. O património cultural imaterial de Guimarães: as Lendas de Lenda de Egas Moniz, as Nicolinas, o Lenço dos Namorados e a Cantarinha dos Namorados.....	14
2.2. Educação histórica e patrimonial: a evidência e a narrativa histórica	19
CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DE INTERVENÇÃO	26
3.1. Investigação-ação	26
3.2. Construtivismo e aula oficina	27
3.3. Questões de investigação e objetivos.....	29
3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	31
3.5. Descrição e recolha de dados do projeto no 1º. Ciclo	32
3.6. Calendarização das atividades realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 1º. CEB.....	34
3.7. Calendarização das atividades a serem realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 2º. CEB	36
CAPÍTULO IV: IMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES	37
4. Implementação das atividades no 1º. Ciclo do Ensino Básico.....	37
4.1. Sessão 1 – 24 de outubro de 2019	37

4.2. Sessão 2 – 14 de novembro de 2019	39
4.3. Sessão 3 – 20 e 21 de novembro de 2019	39
4.4. Sessão 4 – 22 de novembro de 2019	43
4.5. Sessão 5 - 05 de dezembro de 2019	45
4.6. Sessão 6 – 06 de dezembro de 2019	47
4.7. Sessão 7 - 11 de dezembro de 2019	48
4.8. Sessão 8 - 12 de dezembro de 2019	49
4.9. Sessão 9 – 15 de janeiro de 2020	49
4.10. Sessão 10 – 28 de janeiro de 2020	50
CAPÍTULO V: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	52
5. Análise e discussão dos dados do 1º. Ciclo do Ensino Básico	52
5.1. Ficha de Levantamento das Ideias Prévias sobre Património Nacional e Local	52
5.2. Ficha de levantamento das Ideias Prévias sobre “As Nicolinas”	58
5.3. Reflexão sobre a atividade das Nicolinas.....	60
5.4. Ficha de exploração sobre a Lenda de Egas Moniz	62
5.5. Recriação histórica da lenda	66
5.6. Atividade da Cantarinha e dos Lenço dos Namorados.....	71
CAPÍTULO VI: CONCLUSÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	74
6. Conclusões gerais.....	74
6.1. Que conhecimentos os alunos têm do Património Imaterial de Guimarães?	75
6.2. Qual o potencial pedagógico das lendas e da tradição oral para o desenvolvimento do conhecimento histórico?.....	76
6.3. Que aprendizagens ao nível da compreensão histórica e da empatia histórica constroem os alunos a partir da recriação histórica?.....	77
6.4. Como avaliam os alunos o contributo destas estratégias para a aprendizagem de História?	78
6.5. Limitações e Recomendações	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS	85
Anexo A: Ficha de levantamento das concepções prévias sobre Património Imaterial.....	85
Anexo B: Ficha de levantamento das concepções prévias sobre “As Nicolinas”	89
Anexo C: Pregão Nicolino 2019.....	90
Anexo D: Mural sobre “As Nicolinas”	92

Anexo E: Ficha biográfica de Egas Moniz	93
Anexo F: Ficha de exploração de Lendas sobre Egas Moniz.....	94
Anexo G: Ficha de Metacognição Final	96

Lista de abreviaturas e siglas

1ºCEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

2ºCEB – Segundo Ciclo do Ensino Básico

EB1 – Escola Básica do Primeiro Ciclo

Índice de Figuras

Figura 1 - Visita à Casa da Memória – Contato com o Lenço dos Namorados.....	38
Figura 2 - Visita à Casa da Memória – Alunos aprendem sobre Património	38
Figura 3 - Cantarinha dos Namorados	39
Figura 4 - Símbolos Nicolinos	39
Figura 5 - Visualização do vídeo “Pregão 2018”	44
Figura 6 - Construção da “Chuva de Ideias”	44
Figura 7 - Texto do Pregão construído no caderno de um aluno.....	45
Figura 8 - Mural Nicolinas	47
Figura 9 - Desfile pelas ruas	47
Figura 10 - Declamação do Pregão Nicolino.....	47
Figura 11 - Comunidade a assistir à declamação do Pregão Nicolino	48
Figura 12 - Dramatização aberta inspirada na Lenda de Egas Moniz	71
Figura 13 - Momento em que alunos contactam com lenço dos namorados.....	72
Figura 14 - Lenço e cantarinha dos namorados mostrada em sala de aula aos alunos.....	73
Figura 15 - Aluno a pintar lenço dos namorados.....	73
Figura 16 - Cantarinhas dos namorados feitas pelos alunos a secar	73

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Desenho global das intervenções realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 1º. e 2º. CEB.....	33
Tabela 2 - Caracterização das respostas relativas às ideias sobre Património	53
Tabela 3 - Caracterização das respostas relativas às ideias ao tipo de Património (material e imaterial)	54
Tabela 4 - Categorização das ideias dos alunos sobre o conceito de Património – “O que entendes por Património?”	55
Tabela 5 - Respostas obtidas relativas a três exemplos de património imaterial da cidade de Guimarães.....	57
Tabela 6 - Dados relativos às respostas obtidas relativamente à identificação dos monumentos que fazem parte do Património de Guimarães.....	58
Tabela 7 - Respostas obtidas sobre em que consiste a tradição das Nicolinas	59
Tabela 8 - Respostas obtidas sobre o período em que ocorrem “As Nicolinas”	60
Tabela 9 - Respostas obtidas sobre o tipo de património que são “As Nicolinas”	60
Tabela 10 - Respostas obtidas sobre o motivo da vassalagem de D. Afonso Henriques.....	63
Tabela 11 - Respostas obtidas sobre o motivo da ida de Egas Moniz a Toledo	64
Tabela 12 - Qualificação das respostas obtidas	64
Tabela 13 - Respostas obtidas sobre a concordância da ida de Egas Moniz a Toledo.....	65
Tabela 14 - Respostas obtidas sobre a descrição psicológica de Egas Moniz	65
Tabela 15 - Categorização dos níveis de competência dos grupos de trabalho	69
Tabela 16 - Presença de Pressupostos Históricos nas narrativas.....	70

INTRODUÇÃO

O presente relatório de intervenção e investigação pedagógica que se apresenta foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), respeitante ao plano de estudos do segundo ano do mestrado profissionalizante em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Face à natureza e à organização do estágio, o projeto de intervenção pedagógica supervisionada pelo qual se firma o presente relatório foi desenvolvido em dois contextos escolares cooperantes, designadamente, no 1.º CEB numa turma do 4.º ano e no 2.º CEB numa turma do 5.º ano de escolaridade.

Devido à Pandemia do Covid 19, foi implementado apenas no 1.º CEB pois, no 2.º CEB não foi possível implementar o projeto, muito embora tenham sido construídas as propostas de implementação que iriam ser aplicadas, as condições não o permitiram por todo o contexto que se viveu, tendo sido lecionadas aulas síncronas e assíncronas de acordo com as orientações dos professores cooperantes respeitando as determinações da escola.

Analisando-se os programas curriculares previstos para o 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, facilmente se identifica um vazio no que concerne ao aproveitamento do Património Cultural local enquanto recurso pedagógico.

Como tal e, já que ao longo dos tempos, o professor tem vindo a ser considerado um “fio condutor” entre o aluno e o conhecimento é importante que este perceba que esse património é um eficiente auxílio na aprendizagem de História e potenciador de uma Educação histórica e patrimonial.

Neste sentido, o presente projeto de intervenção pedagógica apoiou-se numa abordagem de investigação-ação aliada a uma perspetiva interpretativa das diferentes formas de Património Cultural Imaterial ou Intangível. Para isso, recorreu a métodos diversos, procurando com eles, estreitar a relação existente entre o contexto educativo e o meio sociocultural onde os alunos habitam.

O passado, o presente e o futuro estão irreversivelmente ligados, visto que, determinados factos e acontecimentos da atualidade só existem enquanto consequência de ações passadas e, o passado ajuda a antever muito do que será o futuro de um local ou de um povo. O Património local é uma fonte de informação histórica rica e variada, que, como tal, deve ser aproveitado para a aprendizagem da História.

Assim, a temática deste projeto foi “A aprendizagem da História, no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, através do Património Imaterial de Guimarães: lendas, tradição oral e recriação histórica” que, tal como já referido se apoiou numa abordagem de investigação-ação aliada a uma perspetiva

interpretativa das diferentes formas de Património Cultural Imaterial ou Intangível.

Os alunos tiveram a oportunidade de contactar diretamente com fontes patrimoniais imateriais, como as “Festas Nicolinas”, diferentes versões de uma lenda local - “Lenda de Egas Moniz” - de recriar novas histórias partindo das lendas, conhecer as tradições associadas às cantarinhas e aos lenços dos namorados. Para além de tudo isto, os alunos puderam ouvir testemunhos vivos de pessoas que conhecem e tratam diretamente as tradições locais, valorizando-se assim, a história oral local.

Posteriormente, procedemos à análise de dados com recurso a instrumentos construídos para o efeito, bem como, atendendo a tudo o que fosse passível de reflexão e análise. A partir da recolha e da observação dos dados foi-nos possível averiguar as conceções que os alunos possuem acerca da utilização, exploração e implementação do património imaterial em contexto de sala de aula e no processo de ensino aprendizagem desta área no Estudo do Meio. A investigação realizada em torno das respostas apresentadas pelos alunos permitiu averiguar os níveis de significância histórica e de empatia histórica que os mesmos atribuem a estas fontes patrimoniais imateriais para a compreensão da realidade histórica e identitária de uma comunidade – neste caso, o património imaterial de Guimarães.

Este estudo encontra-se estruturado em 5 capítulos:

No capítulo I são apresentados os contextos de intervenção e de investigação pedagógica. Os contextos de intervenção agrupam não só a caracterização das escolas cooperantes e das turmas do 1º e do 2º ciclo do Ensino Básico, como também o contexto de investigação, onde tratamos o problema que suscitou a intervenção pedagógica.

Do capítulo II, consta a revisão da literatura que alicerça a fundamentação teórica do projeto. Procedeu-se a uma pesquisa teórica, sobre a importância de se trabalhar a história local em articulação com a história nacional, apresentando-se vários estudos empíricos sobre Educação Patrimonial, bem como, as perspetivas de vários investigadores nacionais e internacionais sobre esta área do saber que tem vindo a afirmar-se cada vez mais nas últimas décadas.

O capítulo III apresenta a metodologia deste estudo, que apresenta contornos de investigação e de um modelo de ensino-aprendizagem assente no paradigma construtivista. Assim, nele estão incluídas as questões de investigação, os objetivos propostos as técnicas e instrumentos de recolha de dados, bem como, os planos gerais de intervenção em cada ciclo e uma breve exposição dos mesmos.

No capítulo IV são descritas as atividades desenvolvidas no 1º. Ciclo do Ensino Básico e aquelas que se pretendiam desenvolver no 2º. Ciclo. São ainda, contextualizados os modos de

aplicação dos instrumentos de recolha de dados.

No capítulo V procede-se à análise e discussão dos dados, predominantemente qualitativos, através de análise interpretativa de dados com recurso à metodologia e técnicas de análise da *Grounded Theory*.

O relatório termina com as conclusões, onde são apresentadas as reflexões e ilações finais sobre todo o decurso da experiência de aplicação do projeto de intervenção pedagógica, bem como, sistematizadas todas as considerações inerentes à prática investigativa.

CAPÍTULO I: CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO

São neste capítulo apresentados os contextos onde decorreram as intervenções e investigações que sustentam o presente projeto de investigação-ação.

Assim, cada instituição de ensino cooperante bem como, as duas turmas envolvidas neste processo, são aqui caracterizadas de forma mais pormenorizada de modo a compreender-se melhor o contexto em que tudo ocorreu.

Com isto, são feitas análises, explorações e reflexões de vários documentos que foram disponibilizados pelos professores cooperantes e pelos respetivos estabelecimentos de ensino.

Além disso, foram ainda cedidos documentos normativos legais respeitantes ao Agrupamento, nomeadamente: o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Regulamento Interno (RI).

Aliados a todas estas caracterizações burocráticas, surgem os momentos de observação ocorridos em momentos anteriores à iniciação da prática de ensino supervisionada.

Por último, é apresentada questão-problema que conduziu toda a intervenção pedagógica supervisionada à luz do contexto e da literatura, bem como, as suas respetivas questões de investigação.

1.1. Caracterização do contexto de intervenção

A implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica estava prevista acontecer no mesmo Agrupamento de Escolas no que respeita ao 1º. e 2º. Ciclos do Ensino Básico. Tal, como anteriormente já foi referido, não aconteceu, dado que, devido à pandemia Covid-19 o mesmo só conseguiu ser implementado efetivamente no 1º. Ciclo.

O respetivo Agrupamento de escolas situa-se no concelho de Guimarães, distrito de Braga, região norte de Portugal e, ambas as escolas se situam em zonas periféricas da "cidade berço".

Esta cidade é assim designada por ter sido na sua aba que se estabeleceu o centro administrativo do Condado Portucalense, instituído por D. Henrique e seu filho D. Afonso Henriques e, por, através da Batalha de S. Mamede, acontecida a 24 de junho de 1128, ter sido o mote para a formação da nacionalidade portuguesa.

É sede de um município e está dividida em 69 freguesias, sendo que, a maioria da população vimaranense vive nas periferias da cidade.

O município é limitado a norte pela Vila da Póvoa de Lanhoso, a leste pela cidade de Fafe, a sul por Felgueiras, Vizela e Santo Tirso, a oeste por Vila Nova de Famalicão e a noroeste pelo seu distrito, a cidade de Braga.

Sendo detentora de um papel tão importante na formação de Portugal, Guimarães apresenta-se como uma cidade histórica, dotada de um património material e imaterial extenso.

Devido a estas características, foi nomeada como Capital Europeia da Cultura no ano de 2012 e, foi eleita pelo reconhecido jornal americano *The New York Times*, como um dos 41 locais recomendados para se visitar. Foi ainda, no ano 2013, eleita CED – Cidade Europeia do Desporto.

O Agrupamento aqui apresentado é constituído por quatro escolas, divididas em diferentes ciclos de ensino, começando com o Pré-Escolar e terminando com o Ensino Secundário.

Sendo que, são 50 o número de alunos a frequentar o Pré-Escolar, 301, o 1º. Ciclo, 506 o 2º. e 3º. Ciclos e 1405 o Ensino Secundário.

O seu corpo docente é construído por 212 professores, sendo 95 deles, diretores de turma, 7 diretores de curso e 4 assumem o papel de professores cooperantes.

Complementa-se com várias Associações de Encarregados de Educação, distribuídos pelas diferentes escolas, por uma Associação de Estudantes, por um Clube de Teatro, um Clube de Fotografia, um de Xadrez, um de Alemão e um de Cinema e, por uma participação ativa no desporto em diferentes modalidades desportivas, nomeadamente, Voleibol, Futsal, BTT, Ténis, Basquetebol e Dança.

O Plano Anual de Atividades destaca as ações a desenvolver pela escola em resposta à missão a que se propõe – o sucesso dos alunos, estruturada em torno de dois eixos – “Educar para o conhecimento” e “Educar para a Cidadania”, sendo assim, o seu tema principal “Democracia e Liberdade”.

1.1.1. Caracterização da Instituição de 1º. Ciclo e da Turma de 4º. Ano

O presente projeto de intervenção pedagógica supervisionada foi colocado em prática numa escola básica, do tipo Plano Centenário, com quatro salas de aula, situada na periferia urbana da cidade de Guimarães, do distrito de Braga.

A mesma, possui um amplo espaço de recreio, com um pequeno campo de futebol. Em termos de outras infraestruturas, dispõe de uma cantina (instalada num contentor no recreio), uma pequena biblioteca e um espaço que serve como reprografia e como sala dos professores. Possui ainda, uma sala multifunções, que serve o ATL e de recreio em dias de chuva e dois espaços

chamados "Cantinho dos Jogos". Está em razoável estado de conservação.

É frequentada por 95 alunos, distribuídos por quatro turmas, com alunos oriundos de várias zonas do concelho de Guimarães.

A turma onde decorreu o projeto é de quarto ano e a docência é da responsabilidade da professora titular que desempenha também, funções de coordenação na mesma escola.

São 26 os alunos que constituem a turma, sendo que, 11 pertencem ao género feminino e 15 ao género masculino. De notar que, nela, não existem alunos ao abrigo da Educação Inclusiva.

Segundo dados reportados à data de 15 de setembro de 2019, existem 9 alunos com oito anos de idade, 16 com nove anos e 1 aluno com onze anos de idade. Destes, 23 integram famílias nucleares e 3 vivem em famílias monoparentais (vivem com as mães).

Em termos socioeconómicos, os alunos são oriundos de diversos extratos sociais, sendo que, a maioria pertence à classe média, o que conduz à existência de apenas 1 aluno com apoio de ação social escolar no escalão A e, 3 alunos no escalão B.

No que concerne ao comportamento, a turma revela alguma imaturidade e incumprimento das regras estabelecidas na sala de aula. Nota-se uma constante inquietude e conversa, o que conduz a alguns problemas de aprendizagem.

Talvez por ser uma turma numerosa, seja mais difícil manter o ambiente controlado e evitar as distrações. No entanto, apesar da maioria mostrar aptidões e capacidades de aprendizagem, a fraca motivação conduz a um ensino/aprendizagem mais lento e repetitivo.

É de salientar que as aprendizagens significativas parecem frágeis pois, são constantes os momentos em que ao relembrar-se os conteúdos lecionados anteriormente, os alunos revelam esquecimento.

Em termos de linguagem, o vocabulário conhecido é fraco, o que limita as conversações, e o processo de diálogo em termos de compreensão das mensagens. Como forma de procurar enriquecer o vocabulário, a professora adota várias estratégias, entre as quais, a leitura de livros, entre o término de uma tarefa e o início de outra.

Entre pares, o relacionamento mostra-se positivo, na medida em que se percebe a existência de interajuda e camaradagem. Às vezes, esse modo de socialização causa constrangimentos, pois, devido à infantilidade demonstrada, eles não distinguem os momentos lúdicos dos restantes.

Em relação ao Plano Anual de Atividades e operacionalização do Plano de Trabalho da Turma, as atividades foram desenvolvidas com alguns ajustes pontuais, adequando algumas estratégias ao ritmo de trabalho, autonomia e capacidades dos alunos.

1.1.2 Caracterização da Instituição de 2º. Ciclo e da Turma de 5º. Ano

Devido à emergência pandémica relativa à Covid-19, o período de intervenção pedagógica presencial no 2º. Ciclo do Ensino Básico foi bastante reduzido. Ainda assim, importa fazer uma breve caracterização desta escola do ensino básico do 2º. e 3º. Que se encontra inserida no mesmo agrupamento de escolas onde decorreu o estágio de intervenção pedagógica no âmbito do 1º. Ciclo.

Esta instituição viu a sua abertura ocorrer no ano de 1991, e conta com vários espaços físicos inerentes à prática de lecionação. Possui áreas exteriores e interiores comuns a toda a comunidade escolar, nomeadamente, pátios, portaria, serviços administrativos, reprografia/papelaria, bar/refeitório, salas de direção, de corpo docente e não docente, sala de trabalho dos diretores de turma, dois gabinetes de atendimento a encarregados de educação, vinte e três salas de atividades letivas indiferenciadas, quatro salas de atividades diversas como "expressões", laboratoriais e de tecnologias de informação e comunicação.

Conta ainda com um pavilhão desportivo, um ginásio, uma sala de jogos (onde decorrem atividades curriculares e extracurriculares; atividades de tempos livres da responsabilidade da associação de pais e encarregados de educação da escola), uma biblioteca e um campo de jogos exterior.

Os alunos têm a possibilidade de nela completar os seus estudos até ao 9º. ano de escolaridade e, posteriormente ser integrados em outras escolas do concelho. Com uma vasta comunidade de Professores e Assistentes Operacionais, esta escola procura desenvolver vários projetos com vista a integrar toda a comunidade escolar.

O projeto de intervenção pedagógica foi idealizado e iniciado numa turma de 5º. ano, constituída por vinte e dois alunos, sendo que esta abarcava dezassete elementos do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

A idade média dos alunos da turma era dez anos, sendo que o aluno mais novo tinha dez anos e o mais velho onze. Sobre o contexto local dos alunos, verifica-se que todos residem na área adjacente à escola, no concelho de Guimarães e, à exceção de um aluno, cuja nacionalidade é brasileira, todos nasceram em Portugal.

No que concerne a retenções escolares, nenhum elemento desta turma foi alguma vez retido durante o seu percurso escolar e, a maioria sempre frequentou escolas inerentes ao agrupamento que frequentam.

Em termos de preferências por matérias escolares, os alunos manifestaram gostar mais da área de Educação Física e menos das áreas de Matemática e Português.

Realça-se a heterogeneidade da turma no que toca às capacidades de aprendizagem demonstradas. O conselho de turma considera que o trabalho desenvolvido pela turma é globalmente bom, uma vez que a maior parte dos alunos da turma são vistos como interessados, empenhados e cumpridores, qualificando o seu comportamento e aproveitamento positivo. Ainda assim, o conselho de turma decidiu como prioridade educativa: “trabalhar o comportamento dos alunos, de forma a potenciar as suas capacidades, assim como melhorar os hábitos e métodos de trabalho, e combater a competitividade exagerada por parte de alguns alunos.”

Como estratégia de intervenção decidiu-se envolver de forma ativa os encarregados de educação no processo de ensino/aprendizagem dos seus educandos, através do estabelecimento de contactos frequentes com a diretora de turma, no sentido de monitorizar com mais eficácia o aproveitamento dos alunos e, reformular a planta de sala de aula na expectativa de melhorar os níveis de concentração.

1.2. Problema que suscitou a intervenção pedagógica

Vários pontos foram tidos em conta nos momentos prévios da implementação deste projeto e, posteriormente, no seu desenvolvimento. A pertinência desses pontos serviu de alicerce ao encontro da temática e da metodologia de ensino adotada na sua implementação.

O objetivo primordial do projeto assentou em analisar a forma como pode ocorrer aprendizagens de conteúdos históricos no 1.º e 2.º. Ciclos do Ensino Básico, através do Património Imaterial local, nomeadamente, através da exploração de lendas, de tradições, da tradição oral e da recriação histórica.

Importa antes de mais, fazer referência ao facto que, no 1.º. Ciclo do Ensino Básico, no Plano Curricular a área de História surge integrada na disciplina de Estudo de Meio que, é bastante abrangente, na medida em que condiciona também conteúdos ligados às Ciências.

Apesar disto, percebeu-se que o tema do património cultural imaterial a nível da História local, além de poder ser um potencializador na aquisição de conhecimentos de cultura geral dos alunos, também pode desenvolver competências de domínio histórico (tanto local, quanto nacional), bem como promover a consciência histórica patrimonial nos alunos. Tudo isto, aconteceu sob um ponto de vista inter e multidisciplinar, na medida em que se procurou relacionar a História com diferentes saberes, entre eles, destacando-se o Português, a Expressão dramática e a Expressão Plástica. Isto deveu-se essencialmente, às potencialidades linguísticas que a tradição oral desempenha enquanto recurso pedagógico e, ao facto de a arte fomentar a integração de emoções e de sentimentos no contexto

educacional.

O Ministério da Educação estipula aquele que se espera ser o Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória (PASEO) e, apresenta-se como um desafio, pois, implica uma prática docente dotada de estratégias promotoras de competências de diversas naturezas: "cognitiva e metacognitiva, social e emocional, física e prática. Importa sublinhar que as competências envolvem conhecimento (factual, concetual, processual e metacognitivo), capacidades cognitivas e psicomotoras, atitudes associadas a habilidades sociais e organizacionais e valores éticos" (M.E., 2017, p. 9).

O mesmo documento refere ainda a importância de constituir cidadãos munidos de múltiplas literacias, críticos, criativos e capazes de reconhecer "a importância e o desafio oferecidos conjuntamente pelas Artes, pelas Humanidades e pela Ciência e Tecnologia para a sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental de Portugal e do mundo." (M.E., 2017, p.10).

Foi igualmente importante para este projeto autenticar a importância que o Estudo do Meio tem no processo de formação integral dos alunos que, serão os adultos do futuro, praticantes dos seus direitos cívicos e, como tal, devem ter ferramentas que lhes permitam ter uma posição ativa e crítica na sociedade.

Mediante isto, importa também referir que o projeto buscou demonstrar a congruência que tem o conhecimento e a compreensão de diferentes géneros textuais, bem como, do papel que estes podem desempenhar na aquisição de conhecimento histórico, neste caso, as lendas, as traduções, as tradições orais e a recriação histórica através do texto dramático.

Com o recurso a este tipo de estratégias, métodos e recursos diversos de aprendizagem é ainda possível desenvolver-se competências no que respeita ao uso, à interpretação e ao confronto de diferentes tipos de fontes, numa ótica de distinção entre o real e o ficcional.

Também o contacto com fontes primárias, nomeadamente, fontes que pudessem ser trabalhadas em contexto de grupo, em contexto familiar e, acima de tudo, em contexto local, procuraram promover espaço à troca de ideias, experiências e à aquisição de competências específicas, focadas na interpretação dessas fontes patrimoniais diversas, potenciadoras do desenvolvimento da consciência histórica, através de várias atividades propostas relacionadas com o património imaterial de Guimarães.

Numa altura em que a tecnologia domina o quotidiano da maior parte dos seres humanos, este projeto procurou ainda, incluir os seus benefícios da Tecnologia de Informação e Comunicação durante a sua aplicação. Recorreu-se várias vezes ao uso da internet e, à procura de seleção de fontes credíveis para pesquisarem e obter autoconhecimento histórico.

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. O Património Cultural Imaterial e a História Local

O Património local é uma fonte de informação histórica rica e variada, que, como tal, deve ser aproveitado para a aprendizagem da História.

Partindo das afirmações supracitadas e, de acordo com Pinto (2011, p.46),

“[a] Educação Patrimonial desenvolve nos jovens, através de um contacto direto e constante com fontes patrimoniais, nomeadamente no âmbito local, sentimentos de responsabilidade em relação ao património histórico, e de pertença a comunidades portadoras de memórias necessárias à compreensão do presente e à reflexão crítica e construtiva sobre o futuro. Simultaneamente, é indispensável envolver as escolas, e os professores de História em particular, no processo histórico que tem marcado as identidades das comunidades onde estão inseridos.”

A Lei de Bases do Património Cultural (Lei no.107/2001), entende que o “Património Cultural é constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização”.

E, é esta lei que, embora não estatuída, serve como instrumento fundamental no estabelecimento das bases políticas do regime de proteção e valorização do património cultural português.

A mesma, divide ainda, o universo do património cultural em três grandes grupos: Património Imaterial ou Intangível, Património Móvel e Património Imóvel.

Portugal, tendo por base as orientações da UNESCO, em 2003, através do Decreto-Lei nº. 149/2003 entendeu que o Património Imaterial compreende: “Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial; expressões artísticas e manifestações de carácter performativo; práticas sociais, rituais e eventos festivos; conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais”.

Pela sua natureza de transmissão geracional, existe uma permanente recriação e adaptação do Património Imaterial, o que comprova a diversidade cultural do local e, favorece a compreensão e o

respeito pela diferença e, simultaneamente, favorece o orgulho e a coesão entre as comunidades.

2.1.1. O património cultural imaterial: lendas, tradições e recriações

Centrando-se na problematização deste projeto, tornou-se cada vez mais pertinente possibilitar aos alunos a criação de uma consciência histórica no que respeita à história oral e à evidência histórica produzida a partir do património imaterial.

Enquadrada no Património Imaterial incluem-se narrativas tradicionais, costumes, tradições e a própria tradição oral. Estes recursos surgem como “um meio valioso para consciencializar as crianças para conceitos de tempo e cronologia nos primeiros anos de escolaridade” (Hoodless, 2002, in Solé, 2004, p.103).

Existem diferentes tipos de narrativas tradicionais, entre as quais se destacam, as lendas, os contos populares, os mitos e os contos de fadas.

As primeiras, enquanto ferramenta didática, são tidas como uma “forma de preservação do património cultural identitário de um povo ou civilização (...) marcando profundamente a sua identidade” (Filipe & Solé, 2018, p.186).

Existem diferentes versões de uma mesma lenda e, nesse sentido, é crucial que se consiga diferenciar a narrativa daquilo que é a realidade histórica e, com isto, contrapor realidade e ficção, objetividade e aparência (Filipe & Solé, 2018).

Enquanto recurso pedagógico, a lenda transmite imagens e representações de um povo e de uma nação, associando um espaço imaginário e fantasioso com a realidade, auxiliando a edificação de uma identidade nacional através da transmissão oral (Madureira, 2012).

A sociedade encontra-se cercada de uma infinidade de Lendas, mitos, contos populares e de fadas, que começam e se formam de diversos modos, bem como, assumem diferentes carateres, pois, podem respeitar ao fantástico, à religião, à história ou a qualquer outro assunto.

Enquanto património imaterial oral, servem de auxílio na procura das origens de um acontecimento histórico ou da identidade de um povo, contribuindo assim, para a explicação de vários acontecimentos e assuntos, perpetuados ao longo do tempo e do espaço numa sociedade, bem como da procura do alcance da proximidade com a verdade.

A Lenda acaba por se impor, na medida em que, dada a sua natureza, cria uma contingência de eternidade histórica, não negando atos produzidos, mas antes, perpetuando-os de um modo mais purificado, leve, resumido, capaz de ser passível de modificações e, de ter várias versões. Daí que, uma Lenda se possa fazer, desfazer, alterar, e até desaparecer completamente. Assim, enquanto

recurso na aprendizagem da história local torna-se um instrumento de grande utilidade, adequado ao meio, onde se encontra a ser instrumentalizada. Permite também aos alunos, familiarizar-se e aprofundar os seus conhecimentos acerca do real e do imaginário, acerca do que se conta e do que historicamente aconteceu.

As interações da vida social são constituídas pela presença, pela ausência, pela transformação de ações no tempo e no espaço. Algumas delas fomentam, penetram e moldam determinados comportamentos, hábitos e práticas de um povo.

É neste sentido que surgem os conceitos de cultura, tradição e identidade de um povo. Mascarell (2005) refere que a cultura é, por um lado, no âmbito das especialidades humanas, o lugar onde se encontram inseridas as práticas artísticas, as dinâmicas socioculturais e a produção de bens culturais; mas, a cultura é, antes de tudo isto, o conjunto de valores e de conhecimentos constituídos em virtude dos quais, os humanos interpretam e organizam a sua existência. Assim, a cultura é o nome que se dá ao conhecimento dos valores que compreendem os vários fenómenos humanos e configuram o espaço constituinte do sistema da vida. Num sentido amplo, constitui a junção de saberes e de valores, tanto, de informações, de crenças e de símbolos, em função dos quais seres humanos articulam sua realização individual quanto da sua consciência coletiva.

Diretamente ligada à cultura, surge a tradição. E, é necessário entender-se que a compreensão deste conceito poderá subsidiar uma compreensão mais eficaz de determinadas raízes culturais existentes num determinado local, pois, dentro da cultura existem ramificações. Uma dessas ramificações é a cultura popular, que se pode definir como sendo todas as "formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas, que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares" (Hall, 2006, p. 241).

Vários estudos sobre costumes e tradições mostram que devido à subjetividade destes conceitos é difícil formular uma definição concreta e única para estes termos. Partindo da opinião de Warner (2003), a tradição pode ser compreendida como algo que transcende do passado para o presente, presente em que essa tradição se mantém aceite e preservada (com mais ou menos alterações) ao longo das gerações.

O mesmo autor, refere que todas as tradições culturais se encontram ligadas a um determinado grupo histórica e geograficamente situado, mesmo que, não exista nenhuma sociedade que não possua a sua própria cultura e que, os seus hábitos sejam reproduzidos de forma idêntica.

Por terem a sua origem no passado, o processo de formalização e ritualização das tradições é, normalmente, caracterizado pela imposição e repetição. Assim, as crianças, tendem, a imitar os

adultos, absorvendo e incorporando muitas vezes as tradições e os costumes por eles praticados. Ainda assim, as culturas, como estão sujeitas às mais variadas turbulências históricas, acabam por se ver imersas em processos de mudanças no tempo e no espaço.

Assim, quando se fala de cultura e de tradição importa sempre ter em conta aspetos como, a sua origem, a sua forma de desenvolvimento no tempo e no espaço, os elementos que as compõem e, não menos importante, o que fez com que estas se tornassem características de um determinado povo ou local.

Todo este processo, enquanto recurso pedagógico apela à construção de um saber histórico, no sentido em que, procura compreender as transformações que determinada tradição sofre ao longo dos tempos e, visa perceber de que modo isso influenciou a história, a cultura, o modo de ação e a atualidade desse local e dessa gente.

Além disso, importa referir que se o indivíduo compreender o que significa a repetição de terminadas ações culturais e o “porquê” das mesmas, conseguirá mais facilmente decifrar se deve mantê-la viva, protegendo-a, valorizando-a e preservando-a como forma de manter ou construir a sua identidade cultural.

No que concerne a recriação e, em particular a recriação histórica, Reis (2013, 298) diz-nos que “uma recriação é uma viagem em busca do passado que convida os participantes a viajarem para determinado tempo histórico, possibilitando-lhes um olhar sobre o passado do país”. Já por recriação histórica entende-se “(...)” um papel desempenhado, no qual os participantes tentam recriar alguns aspetos de um evento histórico ou período. Pode ser um período estritamente definido, tais como uma guerra específica ou outro evento, ou pode ter uma definição mais ampla (...)”. Ou seja, a reconstituição pode ser sobre qualquer época ou sobre qualquer acontecimento histórico.

Em Recriação Histórica, existem dois conceitos que, parecem antagónicos, mas que, acabam por se conjugar, são eles, os de “criar algo novo” e recriar “o que foi real”.

Segundo Lamb (2009, in Faustino, 2018) “a Recriação Histórica parte do pressuposto de que a História pode ser manejada. Que pode ser reproduzida de forma a que possamos experienciar novamente o passado” (p. 19). Conforme refere o autor, neste processo de a trazer ao presente, a história torna-se mais clara e evidente. A razão é que estando no presente, podemos vivenciá-la intimamente e senti-la “como ela é”. “Daí a importância dada ao realismo, porque dele depende a legitimidade de uma Recriação Histórica, e a qualidade da experiência. A autenticidade é, no caso da maioria dos recriadores, a chave para o passado”.

A Recriação Histórica depende da existência de um trabalho e de um consenso coletivo, e,

resulta também das experiências de cada um, na medida em que, são internalizadas individualmente.

Enquanto recurso didático, a Recriação, apresenta-se como uma ferramenta pedagógica informal, associando o estudo da História Local ao Património, bem como, permitindo que os alunos sejam mediadores do seu próprio conhecimento, no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem, desviando o foco mais tradicional, como, por exemplo, o uso de manuais e das aulas expositivas, e, permitindo-lhes, articular e experienciar o conhecimento de outras formas mais "vivas".

A Recriação Histórica é uma técnica que nos remete para um universo mais ligado à História do quotidiano, a um dia-dia em que os alunos envolvidos são convidados a participar, integrando um guião que não deixa de ser produto do conhecimento científico (Solé, 2019). Em contexto escolar, quando se constroem atividades deste género, os alunos são confrontados com rotinas, hábitos, atitudes, modos de pensar distintos dos seus, o que os obriga a vivenciar a história sob outra perspetiva e a interpretá-la, tendo em conta o contexto, as personagens, a época, o local onde tudo se desenrola.

Neste sentido, a Recriação Histórica transcende o indivíduo para uma outra dimensão, fundamentalmente histórica (física e temporal), tornando-a alcançável, através da linguagem histórica, escrita ou oral, audiovisual (Collingwood, 1946).

Assim, estamos, portanto, a afirmar, que, a Recriação, além de permitir reconstruir, modificar, recriar o passado, que é escrito ou transmitido oralmente permite também, que os participantes o vivenciem e experienciem na 1ª. pessoa, tornando, imediatamente, mais abrangente o seu conhecimento histórico sobre o assunto.

Portanto, a recriação visa fomentar uma maior proximidade entre o aluno e o seu passado, estabelecendo desde logo, com ele, uma relação de simbiose, pois, converge passado e presente numa mesma linha.

Em última instância, alia fatores como criatividade, motivação, espírito crítico à aprendizagem histórica.

2.1.2. O património cultural imaterial de Guimarães: as Lendas de Lenda de Egas Moniz, as Nicolinas, o Lenço dos Namorados e a Cantarinha dos Namorados

a) A Lenda de Egas Moniz

Guimarães é uma cidade privilegiada no que respeita à propriedade de património cultural imaterial. Assim, o presente estudo debruçou-se sobre algumas das lendas e tradições localmente mais

presentes entre os vimaranenses.

A Lenda de Egas Moniz centra-se na figura do aio do primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques.

Egas Moniz descende de uma das cinco maiores famílias d'Entre o Douro e o Minho entre os séculos XI e XIII: os Ribadouro. Assim, tendo por base uma linhagem medieval, a sua família mantinha relações estreitas com o poder régio da época, através de uma prática comum à altura, o matrimónio. O matrimónio servia aqui como alavanca de ascensão social, na medida em que, através das relações matrimoniais estabelecidas, os Ribadouro conseguiram amplificar a sua soberania pública e religiosa, nomeadamente através da posse de santuários, do exercício de altos cargos curiais e de governação de terras (Merendeiro, 2021).

Para Merendeiro (2021) o percurso de Egas Moniz começa a ser mais conhecido, a partir do momento em que, Henrique de Borgonha e Teresa de Leão o encarregam de povoar Zurara da Beira e, lhe é atribuída uma posição decisiva na Batalha de Arouca, onde estavam em causa bens patrimoniais. Talvez como forma de reconhecimento os condes, acabaram por doar-lhe Britiande, uma terra junto a Lamego. A partir de então, começa a somar escrituras e realiza um segundo casamento, desta feita com Teresa Afonso (legítima herdeira de Afonso VI de Leão).

Apesar de todo este crescimento social, surge um revés, com a entrada no Reino dos irmãos galegos Bermudo Peres de Trava e Fernão Peres de Trava, que passaram a estar próximos da rainha e, começaram, aos olhos de Egas Moniz, a aconselhá-la erradamente sugerindo-lhe que se submetesse cada vez mais a Afonso VII.

Começam então a fazer-se sentir vários protestos contra as ações da Rainha e, acrescentar a tudo isto, Egas Moniz ganha a confiança de condes importantes, que o nomeiam para tratar da educação de Afonso Henriques.

Assim, Egas torna-se o "aio" de Afonso e, com isso, capaz de educá-lo, incitá-lo e aconselhá-lo a uma não resignação galega e, como tal, a uma libertação total dos vizinhos de Leão e Castela.

Neste sentido, Egas Moniz torna-se fulcral em relação àquilo que veio a ser a posição de Afonso Henriques e à luta e conquista pela independência do Condado Portucalense. Por tudo isto, é uma figura histórica de grande relevância e carinho local e nacional, sendo-lhe atribuídos vários outros feitos, entre os quais, aquele que está associado à Lenda de Egas Moniz.

Conta a Lenda de Egas Moniz que, por volta do ano 1127, D. Afonso VII, rei de Leão e Castela, cercou Guimarães para obrigar D. Afonso Henriques a prestar-lhe vassalagem.

Perante tal situação, Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, abeirou-se de D. Afonso VII e prometeu-lhe que o seu primo o respeitaria como rei, se ele levantasse o cerco. Cedendo a esta promessa, D. Afonso VII levantou o cerco.

Porém, volvido apenas um ano, D. Afonso Henriques não cumpriu a palavra dada pelo seu aio e invadiu a Galiza.

Diante deste incumprimento e, muito envergonhado com a situação, Egas Moniz, descalço e de corda ao pescoço, foi com a sua mulher e filhos apresentar-se, em Toledo, ao rei de Leão e Castela, colocando a sua vida e a dos seus ao dispor do monarca.

Perante tal ato de honradez, D. Afonso VII perdoou Egas Moniz e mandou-o em paz...

Ao entregar-se, Egas Moniz ressalva a sua honra e também a de Afonso Henriques, assegurando através da sua astúcia a futura independência de Portugal.

O túmulo de Egas Moniz encontra-se na Igreja de S. Salvador de Paço de Sousa, em Penafiel.

b) As Nicolinas

Numa época e contexto totalmente diferente surgem as Nicolinas. Os Festejos a S. Nicolau, como primeiramente foi conhecida esta tradição, tiveram como base o nascimento do culto a São Nicolau, considerado o Padroeiro dos Estudantes. Freitas, (2013), tendo por base Silva (2000), conta que para este culto contribuíram vários aspetos, sendo o de maior destaque, as peregrinações levadas a cabo por romeiros de Santiago de Compostela à Igreja Senhora da Oliveira em Guimarães. Estas peregrinações influenciaram de forma muito forte os estudantes que, entre 1661 e 1663, constituíram a Irmandade de São Nicolau.

Freitas, (2013) refere que,

"Já nos estatutos da Irmandade de São Nicolau capítulo XIV, do século XVII (Carvalho, 1956), aparecem referências às chamadas Danças Nicolinas que dão origem a este lado profano. Com o tempo, o lado profano, as manifestações de alegria e de festa vão ocupar primazia na tradição onde os estudantes são os protagonistas. (...) Inicialmente, nas festas, destacaram-se os coreiros, os estudantes da Colegiada de Nossa Senhora da Conceição e depois os estudantes das escolas de Guimarães. O Liceu de Guimarães, desde o século XIX, é o grande impulsionador das Festas Nicolinas. (...) Nos primórdios desta tradição, a realização das festas cingia-se a um dia só, 6 de dezembro, dia de São Nicolau. No entanto, com vários fatores

associados, o período dos festejos foi-se alargando. Atualmente, as Festas Nicolinas têm uma duração de 8 dias, iniciando-se a 29 de novembro e terminando a 8 de dezembro” (p.46).

Assim, nos dias de hoje, estas festas assumem um papel extremamente presente e importante na tradição do povo de Guimarães, mobilizando todos os anos, grande parte da população.

c) Os Lenços dos Namorados

Assumindo um papel diferente do das Nicolinas em Guimarães, mas também bem presente no património cultural imaterial local surgem os Lenços dos Namorados. Vilela (2012), conta que a origem dos lenços poder remontar aos lenços senhoriais que, ao longo dos tempos, foram assumindo uma forma mais popular, tendo sido adaptados pelas mulheres do povo.

Os Lenços do Namorados, apesar de ser um património bastante relevante em Guimarães, é-o em toda a região do Minho. As mulheres minhotas, bordavam os lenços com frases de amor e, depois, numa espécie de jogo, deixavam-no cair junto do seu amado para que este o apanhasse.

Quando o homem correspondia ao amor, dobrava e usava o lenço ao pescoço, como sinal de que estava comprometido. Caso o homem não o fizesse, o lenço era apanhado e voltava à bordadora.

Os Lenços dos Namorados, possuíam vários erros de escrita, como consequência da falta de alfabetização das mulheres e eram inicialmente bordados a ponto de cruz. Ao longo dos tempos, começaram a surgir em pontos de construção mais rápida e simples, como o ponto corrido, o pé de flor, a cadeia e os canutilhos (Vilela, 2012).

O Lenço dos Namorados, ou Lenço do Amor tornou-se popular a partir do século XIX. À data era comum as meninas começarem desde cedo a aprender determinadas competências, sendo o bordado e o ponto de cruz algumas delas. Assim, as jovens de classes mais abastadas, e, com mais capacidade de aquisição de material, começaram por bordar em tecidos desenhos a ponto de cruz; por seu turno, as jovens do povo, optavam pela rosa e pelo lírio, para composições ricas em chaves, silva, corações, pombas, mãos unidas, quadras de amor... estas últimas, devido ao seu baixo grau de escolaridade, tornavam essas frases ricas em erros ortográficos. Cada um destes bordados tinha intenção de transmitir simbolicamente uma mensagem: a rosa representava a mulher, o lírio a virgindade, a chave a união de dois corações, a silva e as mãos unidas significavam a prisão amorosa, a pomba representava a fidelidade, a cruz o casamento e os corações representavam o amor na suageneralidade.

Ora, uma rapariga que se achasse estar em idade casadoira, através da oferta do Lenço por ela bordado, declarava intimamente o seu amor ao jovem ofertado. Se este o aceitasse, estava também a corresponder ao sentimento e, como tal, atava o lenço ao pescoço, sobre o fato de domingo, exibindo o seu compromisso.

Não havendo correspondência, o Lenço era devolvido à dona.

Atualmente, é fácil encontrar estes lenços à venda no comércio local e, são usados maioritariamente como objetos de decoração, nomeadamente, como panos decorativos, roupas e loiças com o mesmo motivo.

d) As Cantarinhas dos Namorados

Outro património imaterial de Guimarães são as cantarinhas dos Namorados, cuja origem remonta ao século XVI, com a valorização desta pelas elites, no sentido em que representava a arte popular vimaranense e se enquadrava no espírito bucólico da época (Oficina da Memória de Guimarães, 2020).

Desde então, passou a ser romanceada com a imagem do namorado oferecer uma cantarinha à namorada, aquando do pedido de casamento (Oficina da Memória de Guimarães, 2020).

Com um formato de cântaro de água, a Cantarinha dos Namorados é feita de barro avermelhado, surge adornada por pormenores em alto-relevo, polvilhados por pó de mica, cuja produção remonta ao século XVI e, se mantém até a atualidade. A cantarinha dos namorados consegue perpetuar-se como um testemunho material desse período, tão rico em mudanças políticas, económica e sociais na sociedade (Oficina da Memória de Guimarães, 2020).

Foi no século XIX que, este objeto ganhou o reconhecimento simbólico que lhe é reconhecido pois, data dessa época o momento em que, através das elites, e, por representar uma forma de arte local, enquadrando-se no estilo bucólico vivido na época que, a cantarinha, viu a sua imagem romanceada.

Sendo, à data, um objeto diretamente ligado ao feminino, pois estava muito presente no quotidiano da vida das mulheres que iam à fonte e, traziam o seu cântaro seguro à cabeça, este, por norma, havia sido ofertado por um pretendente dessas mulheres.

Assim, diretamente conotado como um símbolo de namoro ou amor, começou, também, a ser oferecido, pelo namorado às namoradas, aquando do pedido de casamento.

Há várias versões sobre a função a que se destinava este presente. Uma versão é a de que a oferta se destinava à poupança e a servir de “cofre”, onde o que era poupado era guardado. Depois, com esse dinheiro, seria comprado um cordão de ouro, que, a noiva ostentaria no dia do casamento.

Uma outra versão é de que, a cantarinha servia para que a família da noiva, colocasse, dentro dela, o chamado “dote” da noiva e, o oferecesse ao respetivo noivo: nela seguiria dinheiro e as joias da família.

Por último, existe ainda quem considere outra hipótese e, que, com ela, justifique a existência dos diferentes tipos e tamanhos de cantarinhas: a maior representa a abundância que se desejava ao futuro casal; a menor, a que se haveria de encher e, como tal, despida de enfeites, representando as adversidades da vida em comum. Quando um homem se propunha a oficializar o pedido de casamento, primeiro oferecia à Namorada a Cantarinha das Prendas. Se a mulher aceitasse, estava formalizado o pedido e, dependia só depois, dos pais, consentir, para que o noivado fosse anunciado. Quando os pais consentissem, a Cantarinha servia para guardar os presentes oferecidos em casamento aos noivos: cordões, tranceletes, corações, cruzes, borboletas, estrelas, arrecadas, relicários e outros objetos de ouro (Oficina da Memória de Guimarães, 2020).

A cantarinha é dividida por três partes: a base mais larga, representando a prosperidade do casal, a parte que se sobrepõe a essa, simboliza os problemas que o casal terá que enfrentar e o passar, que simboliza o “guarda-segredos” da relação.

Assim, claramente, de um modo geral, a cantarinha está relacionada a elementos e valores positivos como o amor, a abundância, a prosperidade, a superação do casal, a cumplicidade familiar.

2.2. Educação histórica e patrimonial: a evidência e a narrativa histórica

Os programas escolares portugueses de Estudo do Meio no 1º. CEB e de História e Geografia de Portugal no 2º. CEB aludem ao uso e respetiva interpretação de fontes variadas no ensino da história. No entanto, nota-se ainda a predominância da utilização de fontes escritas e iconográficas, tanto nos manuais escolares como em apresentações multimédia.

Verifica-se assim uma lacuna no que concerne ao recurso a fontes patrimoniais de observação direta e contextualizada.

Barca & Alves (2016), no seu trabalho sobre as perspetivas de investigação nacional e internacional na educação histórica dizem que, para que haja uma consolidação de uma rede eficaz de investigação é necessário:

- Analisar a relação entre o Património e a Educação Histórica, e os seus reflexos na compreensão/valorização desse património, entendido como suporte de identidade;
- Refletir sobre as circunstâncias e contextos em que se introduziu, na Escola, a ideia do potencial educativo dos bens patrimoniais;
- Elaborar e aplicar instrumentos de forma adequada aos recursos e aos participantes;
- Aprofundar, numa abordagem sistemática, essencialmente qualitativa, a compreensão dos sentidos atribuídos por alunos a fontes patrimoniais, em articulação com conceitos ligados à consciência histórica, nomeadamente os de identidade e de património;
- Traçar perfis conceptuais dos alunos num contexto de interpretação de fontes patrimoniais em termos de evidência histórica, apresentando uma proposta relacionada com a Educação Histórica e Patrimonial (p. 23).

Assim, partindo daqui nota-se a necessidade de promoção de uma educação histórica fundamentada, capaz de proporcionar desafios aos alunos e, capaz de disponibilizar todos os recursos necessários à compreensão das fontes patrimoniais, nomeadamente as locais. Se esta ação for eficaz, o expectável é que se consiga desenvolver nos alunos, uma melhor compreensão de conceitos históricos e uma melhor interpretação dos seus contributos a nível cultural, social e económico na sociedade atual.

Tudo isto deve acontecer de forma sistematizada e integrada nos critérios e estratégias referentes ao tratamento do património existente nos currículos escolares.

Importa referir um outro conceito estrutural sobre o qual se procurou incidir: evidência histórica. Rogers (1978, p.7 in Ashby, 2006) alega que “há diferentes tipos de evidências que devem ser empregadas e manipuladas por diferentes estratégias de investigação, precisamente porque existem diferentes tipos de questionamentos preocupados em produzir diferentes tipos de afirmação” (p. 153).

Ashby (2006), refere ainda que, os alunos devem compreender claramente a relação existente entre o “saber que” e o “saber como” todas as particularidades históricas aconteceram. Para isso, eles precisam explorar e validar as afirmações históricas além de, saber como pesquisar fontes fidedignas.

Tudo isto é relevante na medida em que a História se constrói a partir de documentos a que se atribui a denominação de fontes históricas e, nesse sentido, a História é o produto da interpretação dessas fontes, que facultam a evidência considerada necessária para o conhecimento do Homem.

É certo que o passado não pode ser observado de modo direto e objetivo, e, como tal, é

impossível conhecer-se totalmente no presente, todos os aspetos e particularidades da realidade passada. O conhecimento chega até a atualidade através de vestígios, de testemunhos, de evidências.

A questão que se deve impor é, quando é que as fontes históricas se transformam em evidência de natureza histórica? Ashby (2006), menciona que “a validade de uma fonte muda para diferentes afirmações ou questões e que o seu uso como evidência depende do peso de que esta se reveste como evidência em relação a uma questão”, (p. 50), assim como, quando se entende às fontes, está implícito, em simultâneo, uma natureza intencional e não intencional.

Partindo desta proposta de definição, a evidência histórica poderá ser considerada um alicerce do saber histórico, onde não serão indicadas fronteiras para o que pode ou não ser considerado evidência, pois, “a evidência potencial acerca de um assunto é construída por todas as afirmações existentes a esse respeito” (Simão, 2015, p. 186).

Simão (2015), citando Moreira (2004, p.79), diz que a evidência histórica pode ser entendida como fonte histórica na multiplicidade das suas formas pois, “fornece ao historiador indícios sobre o passado, ao qual acede através de um processo de inferência, que sustentam as suas explicações históricas, baseadas no princípio da consistência com a evidência histórica”.

Ainda assim, para que uma fonte se torne uma evidência é preciso ter em conta o critério da credibilidade, que é, o método mais comum de validar ou não a fonte. Para isso, é preciso ter uma atitude crítica da mesma, procurando, compreender, interpretar e questionar a fonte.

Uma evidência pode resultar no esclarecimento de várias questões, e, pode revelar dados que ainda não tinham sido analisados enquanto evidência, permitindo, desse modo, aceder ao passado e mostrando o seu potencial enquanto método de investigação histórica.

Neste sentido, admitindo que a evidência é um elemento de enorme potencialidade na compreensão da História, esta é uma competência específica da história que deve ser trabalhada em contexto escolar e em contexto não formal, de modo a que os alunos entendam que “o conhecimento do passado repousa na interpretação do material que o passado deixou para trás, que é reconstituído com base na evidência, e não constitui uma simples cópia do passado” (Simão, 2007, p. 71).

Verifica-se que muitos são os estudos que concebem a importância desempenhada pela evidência histórica no ensino de História, pois, defendem que, enquanto metodologia de investigação, e, caso os alunos sejam desde cedo preparados para fazer inferências, a evidência histórica, potencia a capacidade de desconstruir e interpretar as fontes e o passado, mais sofisticada e eficiente.

O professor desempenharia um papel fundamental na edificação desta compreensão histórica mais elaborada, já que os alunos tendencialmente reconhecem os vestígios do passado mediante a

validação de uma figura que eles consideram válida e credível e, passariam a aceder e a interpretar os vestígios do passado de uma forma mais direta e mais crítica.

Apesar de todas as suas potencialidades, este método, também possui limitações, nomeadamente, no que respeita a compreender a fiabilidade ou não de uma fonte, portanto, Ashby, (2003, pp 49-50), refere que, para que as fontes possam passar a ser consideradas evidências, têm de passar a ser encaradas como um conjunto e, os alunos precisam entender que:

- “ - Que a validade de uma fonte muda consoante as afirmações;
- As fontes têm de ser consideradas em função do seu potencial para validar uma determinada afirmação (independentemente da sua imperfeição enquanto informação);
- Têm de fazer a distinção entre a natureza intencional e não intencional de uma fonte;
- A História não depende de narrativas ou testemunhos;
- As fontes também têm de passar a ser encaradas como um conjunto”.

No que toca à narrativa, segundo vários autores, esta tem também um papel fulcral na História. Galvão (2005), citando vários autores, alega que a narrativa, se constitui a partir do envolvimento das componentes: História, Discurso e Significação.

A História abarca as personagens envolvidas nos acontecimentos e enquadra-as no espaço e no tempo, o que permite uma primeira interpretação do que é contado;

O Discurso respeita ao modo específico como qualquer história é apresentada;

A Significação é uma interpretação que acontece no último nível, onde, o recetor da história obtém essa significação através do cruzamento interno entre a história e o respetivo discurso. Existe uma distinção entre narrativa e história, na medida em que, o fenómeno histórico constitui a história e o método que a investiga, descreve-a e concretiza-a através da narrativa.

“Deste modo, as pessoas têm histórias e contam histórias das suas vidas, enquanto o investigador que utiliza o método da narrativa as descreve e faz a construção e a reconstrução das histórias pessoais e sociais, de acordo com um modelo interpretativo dos acontecimentos” (Galvão, 2005, p. 328).

Em contexto escolar, narrar histórias é uma forma de transportar o passado para o presente, através da interpretação dos dados disponíveis. As narrativas assumem-se então, como um elemento importante e forte no pensamento histórico e enquanto ferramenta no processo ensino-aprendizagem de história.

No entanto, Galvão (2005) ressalta que, na aprendizagem histórica a narrativa não é um fim em si mesma, mas um meio para determinado fim, isto é, para a produção de uma compreensão sobre o passado – a compreensão histórica. E isto significa: contar histórias, mas também pedir aos alunos que as recontem; submetê-las a um exame crítico, criando um sentido da sua 'naturalidade', assim como da sua lógica.

Ora, tudo isto, envolve uma dúvida cética implícita sobre o caráter das histórias que contamos. Significa relacionar histórias àqueles 'princípios organizadores' – as ideias de causa, continuidade, mudança – do complexo discurso histórico.

Ainda sobre narrativas, Gevaerd, (2011) diz que

"a aprendizagem que constitui a consciência histórica vem em destaque nas narrativas, ou seja, no ato de contar histórias, pois esta é uma forma coerente de comunicação e porque trata da identidade histórica tanto do comunicador como do receptor. As narrativas, por serem produtos da mente humana, colocam as pessoas no tempo de um modo que se torna aceitável por elas próprias. A competência narrativa pode ser definida como "a habilidade da consciência humana de levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio da recordação da realidade passada". Essa competência de "dar sentido ao passado" pode ser definida em três elementos que, juntos, constituem uma narração histórica: forma, conteúdo e função (p. 1501).

Gevaerd (2011), refere ainda que, através da narração há a promoção da capacidade de, a partir do passado, se criar uma linha no tempo, distinguindo-o do presente; permite encurtar a distância entre o passado, o presente e o futuro; permite desenvolver a competência da orientação que, possibilita a capacidade de usar a interpretação feita do passado e, assim, projetá-la no presente.

Deste modo, a consciência histórica é capaz de se construir através da interpretação da experiência histórica no tempo e, de se consolidar na transformação intelectual do aluno.

Rüsen (1993), reconhece a existência de quatro tipos de narrativa histórica: tradicional, exemplar, crítica e genética. Para este autor, as narrativas tradicionais permitem uma articulação entre as diferentes tradições, a sua origem e aquilo que elas constituem na atualidade. Aqui, a consciência histórica opera enquanto meio de "manter vivas as tradições" no presente.

Já as narrativas exemplares mostram a importância da validade das regras e dos princípios que generalizam experiências temporais de regras de conduta, isto é, a história pode ser encarada como uma lição e uma aprendizagem no presente.

Por seu turno, a narrativa crítica, baseia-se na capacidade de negar as tradições, as regras e os princípios, permitindo a existência de novos padrões e, assumindo aqui a designação de anti histórias. O que acontece neste caso, é que, a consciência histórica procura uma classe específica do passado: as contra narrações e, neste caso, a narrativa do tempo ganha o direito de ser objeto de julgamento (Rüsen, 1993).

Por último, a narrativa genética conduz à existência de uma mudança temporal e, apresenta a continuidade como meio de desenvolvimento no qual a mudança dos modos de vida é precisa para a sua permanência. É a "forma de pensamento histórico que vê a vida social em toda a sua complexidade e sua temporalidade absoluta", e em que "diferentes pontos de vista podem ser aceitos porque se integram em uma perspectiva que abrange a mudança temporal" (Rüsen, 1993, p.18).

Ainda nas palavras de Rüsen (1993), a narrativa constitui-se da consciência histórica, já que consagra uma forma específica de dar sentido à experiência do tempo, de maneira a que se consiga que o passado possa tornar-se presente na vida presente.

Já Atkinson (1978), considera que a narrativa histórica reconta o que aconteceu e, deve conter em si própria, a resposta às questões "como" e "porque" aconteceram as situações do passado em estudo, permitindo assim, ao historiador reconstituir o pensamento da ação humana, a partir do seu interior, interpretando a sua evidência.

A narrativa histórica é reconstituída, pelo historiador, sendo que, este, deve selecionar, traçar conexões, contextualizar a ação no espaço e no tempo e, recontar, a partir do seu ponto de vista, procurando, no entanto, manter-se o mais distanciado possível, fornecendo deste modo um relato imparcial, coerente e organizado do passado.

Para autores como Atkinson (1978), a narrativa alberga em si própria a explicação e a sequência dos elementos, já que, é constituída, não só de ação e experiência, como também do conhecimento do próprio narrador.

É inegável que, sempre que existe uma narração, existe também uma atividade criativa no que respeita ao processo do pensamento histórico, sendo, também desafiante dar sentido ou significado à experiência do tempo.

Ainda assim, todo este processo de narração, é o responsável por transcender os limites da temporalidade dos acontecimentos, conjugando, segundo Rüsen (1993), qualidades como: a mediação

pela memória, a organização interna das dimensões de tempo e de continuidade, o estabelecimento da identidade tanto dos autores quanto dos leitores da narrativa.

Aproveitando este pensamento de Rüsen (1993), o processo de aprendizagem histórico, estende-se através de competências desenvolvidas, que combinam vários aspetos de tipologia de consciência histórica, nomeadamente o da narrativa histórica que, se pode desenvolver notoriamente através desta dinâmica e competência lógica e específica de narrar a História.

Assim, enquanto método ou ferramenta de ensino, partilhar esta linha de pensamento com os alunos, permitindo-lhes e concedendo-lhes (de forma mais ou menos consciente), dispor de instrumentos que lhes permita contatar, criar, recontar, modificar uma narrativa histórica, permitirá, alargar significativamente a sua consciência de passado, presente e futuro. Além disso, poderão também alargar os seus horizontes criativos, cognitivos, emocionais, empíricos, normativos, através da expressão narrativa.

Em suma, conseguir criar consciência histórica num aluno, através da narrativa histórica, poderá proporcionar o aprofundamento e a orientação necessários à gestão do futuro, com base na investigação do passado histórico.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DE INTERVENÇÃO

A metodologia envolvente nesta intervenção pedagógica e investigativa em contexto sala de aula, bem como, o plano de intervenção desenvolvido ao longo da prática de ensino supervisionada é exibida neste terceiro capítulo.

Deste modo, são também apresentadas técnicas e instrumentos que serviram de auxílio no processo de recolha de dados, bem como apresentadas as questões de investigação e os objetivos a atingir.

Por último, são revelados os planos gerais das intervenções/atividades desenvolvidas no contexto do 1º. ciclo e aquelas que se pretendiam desenvolver no 2º. ciclo. De ressaltar que este projeto se debruçou sobretudo num processo de ensino-aprendizagem orientado pelos pressupostos construtivistas.

3.1. Investigação-ação

Numa altura em que frequentemente se discute a relevância de estabelecer uma relação de simbiose entre professores, práticas educativas e comunidade escolar, surge a ideia de aplicar uma metodologia de investigação-ação, com vista a melhorar o modo como decorre a formação dos alunos e a dar uma resposta eficaz aos desafios educativos que vão surgindo.

Importa, antes de entrar propriamente na apresentação descritiva desta metodologia, referir que a este conceito está implícita a definição de reflexão, pois este procedimento de investigação-ação procura dar primazia à reflexão e à toma de uma posição crítica sobre os assuntos, na medida em que, com ele surgem vários problemas para resolver e várias questões para responder.

Existem diversas propostas no que concerne ao conceito de investigação-ação, sendo que, Watts (1985) refere que a Investigação-ação é "um processo em que os participantes analisam as suas próprias práticas educativas de uma forma sistemática e aprofundada, usando técnicas de investigação".

Aliado a isto importa dizer que este método visa desmembrar a complexidade do mundo real e assumir uma postura crítica em relação aos assuntos que estão a ser tratados. Assim, percebendo o modo como a educação se pode relacionar com este método e alicerçando o pensamento em outros estudos, como os de Barbier (1996) pode dizer-se que o modelo de Investigação-ação:

"constitui uma alternativa metodológica no campo das ciências do homem e da sociedade (...) na medida em que supõe uma conversão epistemológica, isto é, uma mudança de atitude e transformação do investigador relativamente à sua própria relação com o mundo. (...) Trata-se de um outro olhar sobre a cientificidade das ciências do homem e da sociedade." (pp. 18-19)

O processo de intervenção pedagógica procurou assentar a sua prática nesta perspetiva de investigação-ação, tendo em vista alcançar vários objetivos. O primeiro, terá sido conseguir com esta experiência ativar a consciência crítica e reflexiva; o segundo, alcançar práticas educativas eficientes, de proximidade entre professores, alunos e restantes intervenientes na comunidade, promovendo o diálogo e um ambiente colaborativo de partilha entre estes; por fim, mas também de grande pertinência, valorizar a subjetividade e aliá-la à objetividade pedagógica, clarificando-a.

Seguindo este modelo de pensamento, investigar-agir, surge não como uma metodologia de investigação sobre a educação, mas antes, como um modo de investigar para a educação.

Desta forma, a Investigação-Ação tenta mostrar-se como "um modo de fazer" inerente à prática docente e ao quotidiano dos espaços educativos que pretendam reunir o saber e as naturais vicissitudes do mundo.

Em jeito de conclusão, ela constrói um modelo que desafia os professores e que os aconselha a ter planos, metas e objetivos, bem como, a melhorar as suas práticas, permitindo aos alunos experienciar aprendizagens de forma significativa e, com isto, melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

3.2. Construtivismo e aula oficina

O modelo de aula oficina insere-se no paradigma construtivista. Deste modo o presente projeto de intervenção pedagógica supervisionada ocorrido em contextos escolares cooperantes do 1º. e 2º. ciclos do Ensino Básico assentou numa perspetiva construtivista, operacionalizado na aula oficina.

Primeiramente procurou apurar-se os conhecimentos que os alunos tinham sobre os assuntos e, perceber-se com o decorrer do projeto, quais os processos mais eficientes à edificação do conhecimento dos alunos e à condução de aprendizagens significativas.

Neste sentido, tendo por base revisões da literatura efetuadas em volta desta prática na educação, procurou-se permitir aos alunos experienciar diferentes métodos de construção do seu conhecimento, dando-lhes espaço de pesquisa, organização e integração desses mesmos conhecimentos nos que previamente já possuíam. Com isto, acredita-se que os conteúdos

programáticos se possam aliar aos conhecimentos prévios dos alunos e possibilitar com esta união, uma construção de saber permanente.

O construtivismo é uma corrente de pensamento da psicologia educacional que tem várias definições, podendo, de um modo muito geral, ser definido como uma prática de ensino que alega que o aluno não só é capaz, como deve participar de forma ativa, na construção do seu conhecimento e que o seu alicerce se encontra subjacente às suas ideias ou conhecimentos prévios do mundo, bem como, ao modo como este se encontra relacionado com o meio em que vive. (Tavares *et al.*, 2007).

Ausubel (1980) citado por Dias (2014) defende que "a construção da aprendizagem é fruto de uma interação mútua entre dois fatores, um exterior à mente do aluno, e outro residente na mente do aluno, que desencadeia a mudança dos dois. Este processo origina a formação de um conceito novo"(p.4).

Tendo como base as perspetivas destes e de outros autores, investiu-se em várias atividades que visavam promover esta construção construtivista do conhecimento, podendo destacar-se diálogos frequentes com os alunos, pesquisas na internet, construção de chuva de ideias, tarefas de papel e lápis, recriações, entre outras. Procurou-se ainda que todas as sessões fossem criteriosamente planeadas de forma atempada partindo das ideias prévias dos alunos e procurando atender aos desafios emergentes desta prática.

No modelo de ensino construtivista não só o aluno surge como responsável pelo seu processo de aprendizagem, obtendo para isso uma autorização ao exercício de um papel ativo e participativo dentro e fora da sala de aula, como, também o professor deve assumir o papel de intermediário entre o aluno e o conhecimento, funcionando como um meio facilitador no processo. A partir do momento, em que o docente se inteira daquilo que são os conhecimentos prévios dos alunos, ele deve procurar adaptar as suas metodologias e estratégias pedagógicas aos mesmos, de modo a obter aprendizagens significativas, ativas, diversificadas, integradoras e socializadoras.

É neste sentido, de visar estratégias de ensino-aprendizagem eficientes, que surge a aula-oficina enquanto meio de ajuda à construção coletiva de saberes, através da partilha de experiências, tornando a sala de aula ou o espaço onde essa partilha acontece, um local onde se constrói conhecimento.

Cuberes citado em Dias (2014, p.3) afirma que "a aula oficina é uma modalidade de ação, que necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combinar o trabalho individual e tarefa socializada; garantir unidade entre a teórica e a prática". Barca a mentora da designação da aula oficina (2004), reforça a ideia de que a aula oficina, ao nível do seu desenvolvimento, deverá ser uma

permanente reconstrução, devendo propor-se tarefas: com base nas aprendizagens essenciais a construir (substantivas e de segunda ordem); tendo em conta as ideias prévias detetadas; com níveis de elaboração gradual; diversificadas, aula a aula e com algum tempo de reflexão (Barca, 2021).

Este modelo de aula parte dos conhecimentos prévios dos alunos, valorizando-os e, implementando atividades em sala de aula que as valorizem, de forma sistemática, estimulando os alunos a participarem e refletirem.

Quando se proporciona uma aula oficina aos alunos, pretende criar-se um ambiente dinamizador de aprendizagem, onde o processo não está centrado no professor, mas antes, na possibilidade de proporcionar aos alunos um papel ativo, reflexivo e crítico na construção do seu saber.

Nas aulas oficina, o aluno é encarado como o agente da sua formação e o professor, assume um papel de investigador social e organizador de atividades problematizadoras (Barca, 2004).

Foi este o princípio que procurou ser levado para as aulas durante todo o projeto de intervenção, procurando com ele, desafiar os alunos, de forma motivadora, mobilizando os seus conhecimentos e tendo em consideração a progressão dos seus conhecimentos ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

3.3. Questões de investigação e objetivos

Este projeto pretendeu ser capaz de permitir aos alunos vivenciar a história sob um ponto de vista formal e informal de aprendizagem, sempre com a intenção de valorizar o papel que o património imaterial local tem na construção do seu saber.

Alicerçadas nas problematizações do contexto da prática letiva, foram formadas as seguintes questões de investigação:

1. Que conhecimentos os alunos têm do Património Imaterial de Guimarães?
2. Qual o potencial pedagógico das lendas e da tradição oral para o desenvolvimento do conhecimento histórico?
3. Como avaliam os alunos o contributo destas estratégias para a aprendizagem de História?

Tendo como ponto de partida as questões de investigação anteriormente referidas e, após uma cuidada reflexão acerca do que é seria possível atingir-se com a execução deste projeto, com este projeto procurou alcançar-se os seguintes objetivos:

- Reconhecer diferentes perspetivas em História, partindo de lendas e de tradições orais;
- Confrontar diferentes versões da mesma lenda ou tradição oral, identificando semelhanças e diferenças;

- Relacionar o património imaterial (lendas e tradição oral) com a história local e nacional;
- Explorar o potencial da recriação histórica como estratégia para desenvolver o conhecimento histórico;
- Avaliar a potencialidade pedagógica das estratégias adotadas para concretização deste projeto.

Em termos metodológicos, este projeto com contorno de investigação-ação, centrou-se no aluno, como construtor do seu conhecimento e das suas aprendizagens. Ao professor caberá orientar esse processo, adotando uma postura que fomente uma abordagem construtivista de ensino, em que se procura constantemente atender ao desenvolvimento do aluno e a sua aprendizagem.

Deste modo, se as estratégias procuraram apresentar-se inter-estruturadas e adaptadas ao contexto, esperando-se com isso que os alunos tenham conseguido construir o seu conhecimento por meio de uma interação com a realidade que os envolve. Ademais, foi fundamental que o professor levasse o aluno a apurar as suas competências críticas, de autonomia e, a desenvolver um nível consciente e sistematizado do saber.

Assim, a implementação das estratégias que foram acima referidas, passaram por um primeiro momento, onde foram executadas tarefas que possibilitaram dar a conhecer os conhecimentos prévios dos alunos.

Depois de se tomar conhecimento das conceções destes, pretendeu-se criar uma atmosfera de aprendizagem motivadora e enriquecedora, com dinâmicas cognitivas adequadas.

Essas atividades pretenderam ter em consideração todos os objetivos que este projeto pretendeu alcançar.

As ações inerentes ao projeto foram planificadas em coadjuvação com a Professora Supervisora e com os Professores cooperantes. E, delas constaram diferentes estratégias implementadas, nomeadamente, as tarefas de papel e lápis, as de pesquisa, as de recolha de informações no meio envolvente (sobretudo, no seu seio familiar e/ou quotidiano). Através de várias estratégias, os alunos exploraram, tradições, costumes, história oral e procederam a recriações históricas.

Foram fomentados momentos de discussão oral em sala de aula, com exposição das interpretações pessoais de cada aluno, bem como, a turma, foi estimulada a recriar momentos das lendas e tradições.

Num último momento, foram recolhidos e analisados todos os dados referentes às experiências

decorridas e aos instrumentos aplicados durante o processo de estágio, com vista a dar resposta às questões de investigação e à prossecução de uma futura prática profissional docente baseada na reflexão.

3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Assente no método de investigação-ação, este estudo teve como objetivo primordial perceber o modo como o património imaterial local (lendas, tradição oral e recriação histórica) pode interferir benéfica e eficazmente na aprendizagem da História.

Neste sentido, foram definidos os procedimentos metodológicos que pareceram mais adequados bem como, os respetivos instrumentos de recolha de dados.

A recolha de dados é um procedimento própria que se dá aquando da existência de uma investigação empírica, à qual compete selecionar técnicas de recolha e de tratamento da informação, bem como, controlar os seus resultados tendo em conta, os objetivos que se pretendem alcançar.

As técnicas usadas devem estar previamente definidas de modo a conseguirem produzir certos resultados requeridos pela ação de pesquisa. Após recolha, os dados são analisados pormenorizadamente e, são agrupados e discutidos em conformidade com a literatura estudada e revista.

Importa ressaltar que todas as sessões e práticas desenvolvidas, bem como, o seu respetivo planeamento, foram discutidas e aceites por todas as partes envolvidas no processo, nomeadamente, pelos professores cooperantes.

Assim, no que respeita à recolha de dados, esta investigação teve por base várias técnicas e instrumentos.

Partiu de técnicas de observação e reflexão. Carmo & Ferreira (2008) alegam que a observação enquanto instrumento de recolha de dados “utiliza todos os sentidos na obtenção de determinados aspetos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar os factos ou fenómenos que se desejam estudar” (p.67). Já a reflexão surge como uma característica adjacente ao contexto de observação, isto é, observar implica ter uma atitude reflexiva e consciente, que aprofunda e seleciona a informação relevante, bem como, a interpreta da forma mais fiel possível.

Neste sentido, existiram vários momentos de observação direta e participante, auxiliada pela construção de diários de bordo reflexivos e de notas de campo que pareceram pertinentes.

Foram realizadas várias atividades de papel e lápis, entre as quais se podem destacar as fichas de levantamento das conceções prévias, as fichas de trabalho, as fichas de sistematização e consolidação

de conhecimentos, os cartazes e outros trabalhos elaborados na turma durante a implementação do projeto.

Já no que diz respeito a instrumentos avaliativos, foram elaboradas grelhas de registo do desenvolvimento das competências, da evolução individual dos alunos e fichas de metacognição.

A seleção destas técnicas e instrumentos dependeu, não só das questões de investigação existentes como também, da situação concreta de investigação e do contexto em que a mesma decorreu. Este cuidado deveu-se à crença de que, só uma visão globalmente alargada das diversas variáveis permite determinar os processos mais adequados e capazes de fornecer os dados pretendidos.

Por fim, os dados recolhidos foram tratados de modo a que fossem depreendidas algumas considerações e conclusões.

3.5. Descrição e recolha de dados do projeto no 1º. Ciclo

Ao iniciar-se um projeto é sempre necessário avaliar e aprofundar aquilo que se pretende retirar da intervenção e os objetivos que se pretendem alcançar. Assim, é necessário, ter-se primeiramente em conta em que contexto vão decorrer as ações, bem como, estudar a identidade do meio escolar onde se pretende implementar o plano.

Deste modo, após essa análise prévia, procede-se à construção de um desenho global das intervenções que se pretendem incrementar, criando várias questões de investigação, escolhendo os instrumentos e recursos que se pretendem utilizar e, definindo quais informações ou resultados se pretendem obter.

A tabela 1, apresenta o desenho global das intervenções relativas ao projeto de intervenção pedagógica no 1º. e 2º. CEB.

Tabela 1 - Desenho global das intervenções realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 1º. e 2º.

CEB

Questões de Investigação	Instrumentos e recursos	Informações a obter/O que pretendo
1 – Que conhecimentos os alunos têm do Património Imaterial de Guimarães?	<ul style="list-style-type: none"> - Levantamento das conceções prévias (Ficha de Trabalho). 	<ul style="list-style-type: none"> - Aferir as conceções e conhecimentos prévios dos alunos sobre o Património Imaterial de Guimarães: lendas e tradição oral.
2 – Qual é o potencial pedagógico das lendas e da tradição oral para o desenvolvimento do conhecimento histórico?	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades de leitura e exploração de diferentes versões da mesma lenda (Tarefas de exploração de Lendas). - Atividades de pesquisa sobre tradições e costumes de Guimarães (Pesquisa Bibliográfica, entrevistas e questionários) - Visita a locais emblemáticos (locais e/ou nacionais) da/s Lenda/s em estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aferir o contributo das Lendas para a distinção entre o Real e o Ficcional. - Identificar diferentes perspetivas históricas partindo das Lendas e Tradições. - Avaliar o potencial pedagógico das Lendas e da Tradição Oral para a construção do conhecimento histórico.
3 - Que aprendizagens constroem os alunos ao nível da compreensão histórica e da empatia histórica a partir da recriação histórica?	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de uma nova versão da Lenda/s e sua adaptação a uma recriação histórica. - Construção de cenários e 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar os conhecimentos históricos construídos pelos alunos a partir das narrativas produzidas pelos alunos de uma nova versão da lenda.

	adereços.	- Avaliar a empatia histórica a partir da recriação da Lenda.
4 - Como avaliam os alunos o contributo destas estratégias para a aprendizagem de História?	- Ficha de metacognição. - Fichas de trabalho de verificação de conhecimentos.	- Analisar o impacto das estratégias implementadas para o desenvolvimento de competências históricas ao nível da narrativa e empatia histórica. - Avaliar a mudança de conceção dos alunos desde o início do projeto até ao seu término.

3.6 Calendarização das atividades realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 1º. CEB

A experiência investigativa decorreu no 1º. Ciclo do Ensino Básico entre os meses de outubro e fevereiro, contando com as interrupções letivas inerentes ao calendário escolar. Durante esse período foram efetuadas várias sessões onde se privilegiou a interdisciplinaridade pois, foram efetuadas várias atividades que interligaram e relacionaram saberes de diferentes áreas, nomeadamente da língua portuguesa e das expressões motoras e plásticas.

Ao longo do período de execução do projeto, procurou-se usar os instrumentos de recolha de dados mais eficientes e úteis ao processo de investigação pedagógica. Pretendia-se tornar estes instrumentos em elementos válidos de consolidação, averiguação e reflexão acerca das aprendizagens significativas dos alunos, reiterando a ideia de que com isto, fosse possível dar resposta às questões de investigação previamente formuladas.

Em simultâneo com isto, foram selecionados os instrumentos presentes na tabela 1, na medida em que existia uma diversidade considerável de conteúdos a ser explorados, bem como, ao tipo de questões e objetivos de investigação que se pretendiam alcançar.

Os alunos tiveram, num primeiro momento, a oportunidade de visitar a Casa da Memória, em Guimarães, onde puderam ter um contato inicial com o conceito de património e as suas diversas formas.

Posteriormente, o projeto seguiu com a aplicação de uma ficha de trabalho que visava proceder ao levantamento das conceções prévias dos alunos acerca do assunto Património Imaterial (Anexo A). Os resultados obtidos com a execução desta ficha permitiram definir e planear o que se sucederia em termos de atividades pedagógicas. O intuito desta passava por conhecer os conhecimentos prévios dos alunos relativamente a esta matéria. Seguidamente, foi feita uma outra ficha de trabalho que já era mais específica, na medida em que, já tratava uma forma de património imaterial local: As Nicolinas (Anexo B).

Procedeu-se, num outro momento à exploração didática do conceito de tradição e, uma vez que os alunos demonstravam alguns conhecimentos sobre o assunto, esta exploração permitiu a existência de um diálogo constante com a turma. A par disto, foram explorados o conceito de lenda, tradição oral e recriação histórica.

Numa outra sessão construiu-se uma chuva de ideias sobre os assuntos mais marcantes e fraturantes do ano 2019, tendo esta servido de base à atividade seguinte: elaboração do Pregão Nicolino (Anexo C).

O pregão elaborado em sala de aula pelos alunos, foi, num desfile Nicolino envolvendo toda a comunidade escolar, declamado pelos alunos na varanda da junta de freguesia onde se localizava a escola.

Em jeito de remate ao tema "Nicolinas", foi construído um mural, com fotografias de alguns alunos e das suas famílias a participarem nesta tradição e de outros símbolos inerentes às mesmas (Anexo D).

A análise dos dados recolhidos com estas tarefas permitiu perceber que os conceitos foram apreendidos pela turma.

Num segundo momento das sessões realizadas procedeu-se à exploração da figura de Egas Moniz. Começou por se pedir aos alunos que fizessem uma pesquisa na internet sobre esta personalidade e que, com as informações recolhidas construíssem uma ficha biográfica do mesmo (Anexo E).

De modo a avaliar as aprendizagens dos alunos, recolheram-se os dados obtidos com a aplicação desta ficha e interpretaram-se de que modo ficaram apreendidos os acontecimentos ocorridos nas lendas e nas suas diferentes interpretações.

Na sequência disto procedeu-se em pequenos grupos, à escrita de uma versão dramática da Lenda de Egas Moniz e, à sua consequente recriação através de uma representação teatral.

Por último, acerca da cantarinha e lenço dos namorados e do seu valor simbólico, chamou-se

uma professora à escola, que contou a motivação por trás desta tradição e, em barro, cada aluno construiu a sua cantarinha, bem como, construiu o seu próprio lenço. Fez-se uma pequena exposição na escola com os materiais obtidos. (Ver anexo Tabela 1)

3.7 Calendarização das atividades a serem realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 2º. CEB

A situação pandémica vivida nacional e internacionalmente pausou todas as atividades *in loco* no momento em que decorria a prática pedagógica supervisionada no 2º. CEB e, devido a isto, não foram executadas quaisquer atividades. Assim, as projeções anteriormente apresentadas, não foram intervencionadas no terreno.

Ainda assim, o que se pretendia era dar continuidade ao modo assumido no contexto de ensino do 1º. CEB, tendo em conta os conteúdos programáticos previstos para o 5º. Ano em História e Geografia de Portugal.

Neste sentido, começar-se-ia pela introdução da Batalha de Aljubarrota, relacionando-a com a construção da Igreja local Nossa Senhora da Oliveira. Aqui, os alunos teriam oportunidade de perceber a posição de Guimarães relativamente ao Mestre de Avis, poderiam visitar a Igreja e, comparar diferentes versões acerca da Lenda da Oliveira.

Num segundo momento, haveria a apresentação de uma ficha formativa, onde constariam várias imagens e explicações dos símbolos presentes na Igreja, sendo que, seria proposto aos alunos procurar tradições, lendas, doces, procissões e outros, que tenham chegado à atualidade. Seria neste ponto construído pelos alunos um frontal da Igreja.

Depois, seriam exploradas outras lendas locais, como o Milagre das Rosas e D. Fernando – as guerras fernandinas com Castela. Aqui, haveria lugar para a turma entrevistar pessoas que, até hoje, mantêm vivas as tradições e as suas crenças nestes momentos.

Por último, seria feita uma avaliação de todo o trabalho desenvolvido, através da elaboração de uma ficha de metacognição. (Ver anexo Tabela 2)

CAPÍTULO IV: IMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

O capítulo IV tem como objetivo primordial apresentar as atividades de cariz investigativo, realizadas no âmbito do projeto, em contexto de 1º. CEB. Pretende também facultar uma contextualização da utilização dos instrumentos de recolha de dados para uma melhor leitura do capítulo V – Análise de dados.

No que concerne a este ciclo são apresentados os resultados provenientes do trabalho desenvolvido ao longo das sessões.

4. Implementação das atividades no 1º. Ciclo do Ensino Básico

4.1. Sessão 1 – 24 de outubro de 2019

Após o estabelecimento dos primeiros contatos com os alunos da turma de 4º. ano, mediante a observação das aulas lecionadas pela professora cooperante, foram efetuadas recolhas de informação referentes ao contexto pedagógico, bem como, elaborados registos e reflexões periódicas.

Assim, o projeto pedagógico teve o seu início oficial no dia 24 de outubro de 2019, relacionando-se com a área do Estudo do Meio, mais concretamente, com o domínio/conteúdo programático – O Passado do Meio Local e Nacional - com a visita dos alunos à Casa da Memória.

A Casa da Memória é um espaço existente na cidade de Guimarães, que exhibe, interpreta, e retrata manifestações materiais e imateriais do território cultural e histórico da sua cidade e das suas gentes. Propõe uma visita no presente, ao passado e ao futuro de Guimarães, através da apresentação de um leque identitário de património local que incita a conhecer, imaginar e reconstruir memórias passadas nacionais e locais.

Na Casa da Memória, os alunos tiveram contato, através de uma visita guiada, com histórias, documentos, objetos, maquetas, tradições, símbolos da cultura local vimaranense, desde o período da Pré-História até à Contemporaneidade.

Entre o vasto material apresentado encontravam-se várias referências ao Património Imaterial de Guimarães, nomeadamente, àquele que seria posteriormente explorado: Festas Nicolinas, Lendas locais, Lenço dos Namorados e Cantarinha dos Namorados.

Antes de se efetuar esta visita foi feito um planeamento, nomeadamente no que concerne à logística da mesma: horário de visita, transporte, autorizações dos encarregados de educação,

comunicação com a Casa da Memória, entre outros.

Depois, durante a visita, foi sendo chamada a atenção dos alunos para os aspetos e símbolos que de algum modo coincidiam com o tema do projeto, tendo sido várias vezes levantadas, de forma oral, questões aos alunos: "O que é o património?"; "Este objeto será património material ou imaterial?"; "Este gorro pertence a que tradição?"...

O objetivo desta visita foi primordialmente, estabelecer o primeiro contato entre os alunos e o património, visando perceber de que modo estes interagem com o que viam, entendiam e percebiam o que lhes era mostrado.

No fim da visita, já em sala de aula, foi pedido aos alunos, em grande grupo e, de forma oral, que os mesmos falassem sobre como foi para eles experienciar esta visita e, sobre os conceitos apresentados.

Foram registadas e analisadas as respostas dos mesmos em notas de campo.



Figura 1 - Visita à Casa da Memória – Contato com o Lenço dos Namorados



Figura 2 - Visita à Casa da Memória – Alunos aprendem sobre Património



Figura 3 - Cantarinha dos Namorados



Figura 4 - Símbolos Nicolinos

4.2. Sessão 2 – 14 de novembro de 2019

A segunda sessão, também inserida na área do Estudo do Meio, ainda, no domínio/conteúdo programático – O Passado do Meio Local e Nacional, teve como objetivos que os alunos reconhecessem o conceito de Património, tanto local, quanto nacional e, estabelecessem as diferenças entre aquilo que é Património Material e, aquilo que é o Património Imaterial, bem como, identificassem quando se está perante um ou outro género de Património.

Além disso, o objetivo final, prendia-se com a monitorização da compreensão dos alunos acerca de toda esta matéria.

Foram então estabelecidas propostas educativas, que passaram pelo levantamento das ideias prévias através da colocação de questões como: "O que é o Património?" e "Que formas de Património Imaterial existem na cidade de Guimarães?". Para isso, apresentou-se uma Ficha de Metacognição (Anexo A), onde foi, uma vez mais, efetuado o levantamento das ideias prévias dos alunos.

Como forma de avaliar o processo, procedeu-se à análise das respostas que os alunos deram à Ficha.

4.3. Sessão 3 – 20 e 21 de novembro de 2019

A terceira sessão foi dividida em três momentos e, ocorreu em dois dias diferentes. Continuando na área do Estudo do Meio e, no domínio programático do Passado do Meio Local, explorou-se no momento I, o subdomínio – Conhecer costumes e tradições locais.

Este momento teve como objetivos que os alunos reconhecessem as Nicolinas como uma

festividade tradicional da cidade de Guimarães, conseguissem indicar a origem da tradição e a que Santo são dedicadas e, por último, fossem capazes de localizar temporalmente as festividades. O objetivo primordial era perceber que conhecimentos e ideias tinham os alunos sobre a tradição Nicolina.

Procedeu-se à realização de uma Ficha de Levantamento das concepções prévias (Anexo B), onde, previamente, a professora informa os alunos que será realizada uma ficha para levantamento das ideias e conhecimentos que estes têm sobre esta festividade, e são colocadas questões como:

“- Já participaste nas Nicolinas?

· Sabes a que diz respeito a tradição das Nicolinas?

· A que Santo se dirigem?

· Assinala o período em que decorrem as Nicolinas. (Assinala uma opção)

De 29 de novembro a 07 de dezembro _____

De 01 de novembro a 01 de dezembro _____

De 07 de dezembro a 25 de dezembro _____

· Completa a frase com a palavra correta:

Material / Imaterial

As Nicolinas fazem parte do património _____ da cidade de Guimarães.”

Como forma de avaliar o processo, procedeu-se à análise das respostas que os alunos deram à Ficha.

O Momento II, encontrou-se inserido nos subdomínios programáticos - Reconhecer datas e factos significativos da história local; identificar figuras da história local; conhecer vestígios passados tais como costumes e tradições locais; reconhecer a importância dos costumes na construção da história local.

Os objetivos que se pretendiam alcançar com este momento era, o de que, os alunos entendessem a origem da tradição Nicolina, conhecessem as diferentes manifestações da tradição e os diferentes tipos de festividades existentes, bem como, conhecessem as figuras que se encontram associadas a esta tradição.

Além disso, era também objetivo, que, a turma analisasse fotografias e imagens respeitantes às festividades Nicolinas e, reconhecesse evidências históricas: símbolos, músicas, tradicionais. Nomeadamente, reconhecessem o gorro como símbolo tradicional e entendessem a sua importância no traje, bem como, o seu significado.

De forma mais detalhada este segundo momento teve como objetivo relembrar conhecimentos

já tidos pelos alunos e recolhidos através de ficha de levantamento de ideias prévias, bem como, dar-lhes a conhecer novos aspetos acerca da tradição Nicolina.

A professora deu início à aula referindo que será explorado um tema da área curricular de Estudo do Meio: O Passado do Meio Local através do Património Imaterial Local, no caso, as Nicolinas.

Para introduzir este tema, a mesma, estabeleceu por fases, um diálogo com os alunos, tendo por base um *powerpoint* (Anexo 2), onde procedeu à exploração de várias imagens alusivas às festividades das Nicolinas complementada com informação sobre as mesmas (diálogo com os alunos).

Na fase 1, introduziu as seguintes questões?

- *Alguém já participou nas Nicolinas?*
- *O que são as Nicolinas?*
- *As Nicolinas classificam-se como património material ou imaterial?*

Na fase 2, mostrando a imagem de um peregrino, dispôs as seguintes questões:

- *Como terá chegado esta tradição à cidade de Guimarães?*
- *Quem será a pessoa da figura?*

Na fase 3, mostrando a imagem de São Nicolau, colocou as seguintes questões:

- *Quem está representado nesta imagem?*
- *Que relação terá este santo com as Nicolinas?*
- *De onde é oriundo São Nicolau?*
- *Porque segura ele na mão maçãs e um livro?*
- *Porque está vestido de vermelho?*

Na fase 4, continuou a questionar:

- *Que festas se celebram nas Nicolinas?*
- *Em que datas ocorrem esses festejos?*

Na fase 5, explorou cada uma das 8 festas Nicolinas, através da análise de imagens, de músicas e da colocação de questões como:

- *Que estarão a celebrar as pessoas das imagens?*
- *Quais os símbolos da festa do pinheiro?*
- *Conhecem o som tocado pelos tambores do pinheiro?*
- *O que são as novenas e quem participa?*
- *O que está representado na imagem?*
- *Que capela é esta que está na imagem?*
- *O que são as posses?*

- *O que é o pregão?*
- *Quem declama o pregão?*
- *O que são as maçãzinhas?*
- *O que está na ponta do pau e qual a sua intenção?*
- *De que género serão as danças de São Nicolau?*
- *Quando acontecem as Roubalheiras?*
- *Que tipo de coisas são recolhidas?*
- *O que é um baile?*

Na fase 6, é mostrada a imagem do traje Nicolino e procedeu à exploração dos seus elementos através das seguintes questões:

- *Que traje é então este que está aqui?*
 - *Porque será que as pessoas se vestem assim?*
 - *Porque levam um lenço ao pescoço, preso por uma caixa de fósforos?*
 - *Porque usam o gorro ou mitra?*

O momento III, prendeu-se com a mobilização de conhecimentos, que procedessem ao reconhecimento dos símbolos usados nas festividades.

Teve, acima de tudo, como objetivo que os alunos compreendessem na globalidade, o uso do traje Nicolino.

Para isso, a professora começou por dialogar com os alunos sobre o traje, relembrando-lhes uma vez mais, o significado de cada objeto usado.

Depois, entregou material aos alunos para que estes, construíssem um gorro Nicolino em miniatura (Anexo 4) e pintassem o lenço Nicolino (Anexo 5).

A professora lançou aos alunos o desafio de, no período em que iam decorrer as Nicolinas, que estes, junto das suas famílias, realizassem uma reportagem fotográfica de vários momentos das Nicolinas, procedessem, com o material angariado, à construção de um mural sobre esta festividade (tarefa que viria a ser realizada em sessão posterior).

Como método de avaliação do momento II e III, foi observado o empenho, a participação, a atenção e da postura dos alunos e registadas em notas de campo as respostas dadas pelos alunos (pelo par cooperante).

4.4. Sessão 4 – 22 de novembro de 2019

A quarta sessão, uma vez mais, inserida na área do Estudo do Meio, ainda, no domínio/conteúdo programático – O Passado do Meio Local, foi também dividida em três momentos.

Os conteúdos explorados visavam que os alunos: conhecessem costumes e tradições locais; reconhecessem datas e factos significativos da história local; reconhecessem a importância dos costumes na construção da história local; reconhecessem as características inerentes ao Pregão Nicolino e percebessem a sua construção e objetivo.

Deste modo, os objetivos das atividades que serão descritas em seguidas, visavam que os alunos fossem capazes de: reconhecer o Pregão Nicolino como uma das festividades tradicionais de Guimarães; identificar o modo como se processa o Pregão; localizar no tempo e no espaço o Pregão Nicolino (Momento I).

Depois, pretendia-se que os alunos conseguissem entender a origem do Pregão Nicolino, bem como, identificassem as principais problemáticas da atualidade, conhecendo deste modo, fatos e figuras políticas locais e nacionais e, conseqüentemente, se mostrassem conhecedores de fatos relativos a figuras públicas da atualidade e, conseguissem relacionar esses fatos com o Pregão (Momento II e III).

Em suma, que conseguissem identificar o Pregão Nicolino enquanto símbolo tradicional local, entendessem a sua importância e papel na sociedade, bem como o seu significado.

No Momento I de modo a que os alunos conhecessem os maneirismos já tidos pelos que pregadores nicolinos, a professora informou os alunos que iam visualizar um vídeo onde se encontravam pequenos momentos da declamação do Pregão de 2018.

Quando o vídeo terminou, foram colocadas algumas questões orientadoras aos alunos:

- *Quem está a declamar o pregão?*
- *Porque está o pregoeiro vestido assim?*
- *Que tipo de linguagem usa?*
- *Em que tom é declamado?*
- *Que tipo de críticas estão a ser feitas?*
- *Qual será o objetivo do Pregão?*

Como forma de avaliar o processo procedeu-se à observação da atenção e da postura dos alunos, bem como à análise do espírito crítico e da pertinência das respostas ou questões elaboradas pelos alunos. Foi efetuado o registo em notas de campo, das respostas dadas.

O Momento II desta atividade, visou relembrar conhecimentos já tidos pelos alunos e recolhidos através da visualização do vídeo "Pregão 2018", bem como, explorar assuntos que podem constar do Pregão.

A professora deu início ao diálogo informando que iam ser explorados assuntos que constariam do Pregão Nicolino.

Assim, iniciou-se o diálogo entre professora e os alunos, onde lhes foram colocadas questões como:

- *Que notícias sobre o país se lembram de ter escutado na comunicação social?*
- *Que notícias sobre Guimarães têm ouvido?*
- *Que assuntos poderemos colocar no Pregão?*
- *O que acham que vai mal no país e em Guimarães?*
- *O que acham que vai mal aqui na escola?*

Com as ideias que iam sendo dadas, ia-se fazendo no quadro uma "chuva de ideias".

Como método de avaliação procedeu-se à observação do empenho, da participação, da atenção e da postura dos alunos, à observação do espírito crítico e da pertinência das respostas ou questões elaboradas pelos alunos e foram registadas em notas de campo as respostas dadas pelos alunos (pelo par cooperante).

O Momento III teve como objetivo que os alunos compreendessem o significado da declamação do Pregão Nicolino. Para isso, a professora distribuiu a turma em pequenos grupos e pediu-lhes que construíssem rimas tendo como base a chuva de ideias anteriormente construída.

Num momento posterior, o Pregão final foi declamado em público e apresentado na Junta de freguesia à população, num desfile Nicolino.

Nesta atividade foram usados os métodos de avaliação dos momentos anteriores, bem como, foi avaliado, o texto e as ideias apresentadas no Pregão construído pelos alunos.

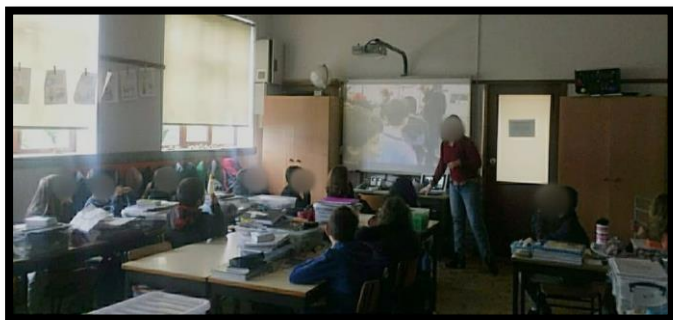


Figura 5 - Visualização do vídeo "Pregão 2018"



Figura 6 - Construção da "Chuva de Ideias"

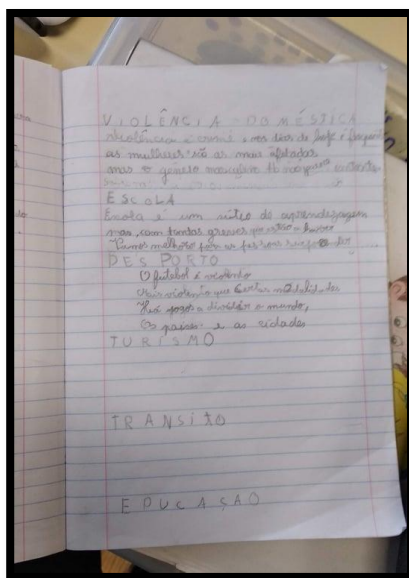


Figura 7 - Texto do Pregão construído no caderno de um aluno

4.5. Sessão 5 - 05 de dezembro de 2019

Continuando na área do Estudo do Meio, no domínio/conteúdo programático – O Passado do Meio Local, a quinta sessão, dividiu-se, uma vez mais, em três diferentes momentos.

Esta sessão teve como objetivos que a turma pudesse indicar a origem das Nicolinas e a que Santo é dedicado, localizando temporalmente as festividades e entendendo a sua origem. Pretendeu também que fossem capazes de entender as diferentes manifestações da tradição e os diferentes tipos de festividades, bem como, conhecer as figuras que estão associadas a esta tradição, analisando fotografias e imagens respeitantes às festividades Nicolinas, constatando deste modo, evidências históricas, como: símbolos e músicas tradicionais.

Construiu-se uma síntese com os pontos chave das Nicolinas, no Momento I, com vista, a recolher e sintetizar as ideias já assimiladas pelos alunos. Deste modo, a professora informou os alunos que ia ser construído um mural sobre esta festividade, mas, antes, ia existir uma reflexão, através da colocação de questões que auxiliaram a organização de ideias:

- Qual a origem das Nicolinas?
- A que santo se dirigem?
- Em que período decorrem?
- Que festas são celebradas?
- Como acontece cada uma dessas festas?
- Que símbolos estão relacionados com as Nicolinas?

À medida que as questões iam sendo colocadas, dois alunos, registaram no computador da sala de aula, as respostas dadas e, os restantes, escreveram-nas nos seus cadernos.

Este momento foi avaliado através da apreciação das respostas dadas às questões colocadas e, do poder de síntese e de reconhecimento dos elementos mais relevantes.

No momento II, procedeu-se à exploração das várias imagens e fotografias alusivas às festividades das Nicolinas, enviadas pelos encarregados de educação (dialogando-se com os alunos).

A professora iniciou a atividade, projetando, uma a uma, todas as imagens e, explorando-as individualmente com os alunos:

- *Quem participou nas Nicolinas?*
- *Que festividade está representada nesta imagem?*
- *O que significam os símbolos que aparecem na fotografia?*

Depois, em sistema de votos de mão no ar, a turma decidiu que fotografias deviam ser selecionadas para serem colocadas no mural.

O momento foi avaliado, recorrendo-se à observação do empenho, da participação, da atenção e da postura dos alunos, bem como, ao registo em notas de campo das respostas dadas pelos alunos (pelo par cooperante).

O terceiro e último momento – Momento III – terminou com a construção do Mural sobre as Nicolinas, onde os alunos puderam organizar toda a informação selecionada e, com ela, construir a sua própria visão das festas.

Para isso, a professora imprimiu os dados escritos a computador pelos alunos bem como, as fotografias selecionadas.

Depois, é entregou material aos alunos para que estes, cortassem os textos e as imagens.

Os recortes, foram colados em 4 cartolinas e expostos na sala de aula.

A avaliação deste momento efetuou-se, a partir da observação do empenho, da participação, da atenção e da postura dos alunos, bem como, do registo em notas de campo das respostas dadas pelos alunos (pelo par cooperante).

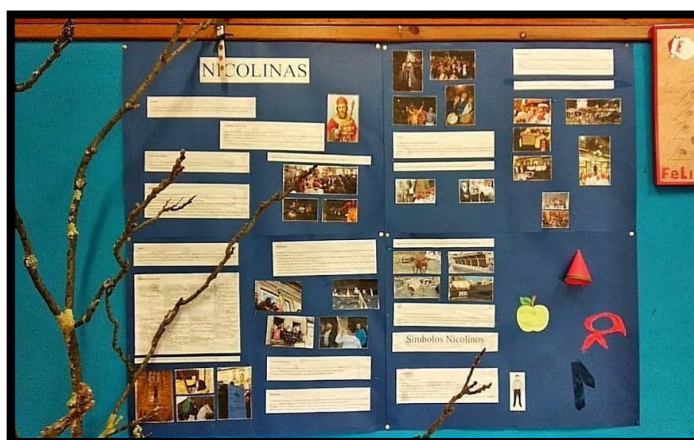


Figura 8 - Mural Nicolinas

4.6. Sessão 6 – 06 de dezembro de 2019

O encerramento do tema Festas Nicolinas fez-se, através de um desfile semelhante ao das festas Nicolinas, procedendo à recriação histórica e, na Junta de freguesia, perante a comunidade escolar e local, os alunos, puderam apresentar-se e, declamar o Pregão Nicolino da varanda da Junta para o público que assistia.

Esta atividade teve como objetivo primordial, consolidar todos os conhecimentos adquiridos e, criar memórias significativas de tudo o que foram as aprendizagens sobre o tema.

Foi uma atividade planeada com o agrupamento de escolas onde o projeto estava a ser aplicado, com a associação de pais, com a Junta de freguesia e com a polícia local.



Figura 9 - Desfile pelas ruas



Figura 10 - Declamação do Pregão Nicolino



Figura 11 - Comunidade a assistir à declamação do Pregão Nicolino

4.7. Sessão 7 - 11 de dezembro de 2019

A sétima sessão, dentro do domínio/conteúdo programático da área de Estudo do Meio – O Passado do Meio Local e Nacional – dirigiu-se foi mais direcionada para conhecer os factos da história nacional com relevância para o meio local, localizar os factos e as datas estudados na cronologia da História de Portugal e, conhecer o passado de uma figura com relevância histórica local e nacional e, construir a sua biografia.

Os objetivos desta sessão passaram por procurar identificar os pontos essenciais relativos ao tema, monitorizando a sua compreensão, através da pesquisa do passado de uma personagem histórica com relevância para o meio local e nacional, da recolha de dados sobre vários aspetos da sua vida e, conseqüentemente, da compreensão do papel desempenhado por essa personagem na História (local e nacional).

Deste modo, a professora iniciou a sessão, com a apresentação do *power point* (Anexo 1), com a criação de balões de diálogo e visualização de um vídeo.

Depois, com fazendo-se valer do recurso existente em sala de aula (um *tablet* por cada dois alunos), dividiu a turma em pares, e, pediu-lhes que pesquisassem na internet sobre: “Egas Moniz, o Aio de D. Afonso Henriques”.

Aquando desse momento, foi distribuída pelos pares uma Ficha de construção biográfica “Egas Moniz, o Aio de D. Afonso Henriques” (Anexo E), onde era pedido que os alunos, através da pesquisa, fossem capazes de responder a questões como:

“Quem foi Egas Moniz?”;

“Que papel desempenhou?”...

A avaliação desta sessão foi efetuada através da observação atenta da postura, atenção e participação dos alunos durante a apresentação, da análise do empenho, do interesse e da motivação individual, bem como da capacidade de trabalhar a pares. Foi ainda avaliada, a correção, organização e pertinência dos dados recolhidos nas respostas dadas à Ficha.

4.8. Sessão 8 - 12 de dezembro de 2019

A oitava sessão, manteve-se abrangida pelos domínios/conteúdos programáticos anteriores e, introduzindo um novo recurso: as fontes orais e documentais para a reconstituição do passado local e nacional.

Os objetivos desta sessão passaram por compreender o papel desempenhados pela personagem de Egas Moniz na História (local e nacional), conhecendo aspetos da vida em sociedade relacionados com fatos relevantes para a História de Portugal, através do contato com a Lenda de Egas Moniz.

Para isso, a professora, distribuiu a Ficha de Exploração sobre a “Lenda de Egas Moniz” (Anexo F), procedeu à leitura e exploração do texto com a turma. Depois, propôs que, os alunos, de forma individual, resolvessem as questões colocadas na ficha, nomeadamente: “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Porquê?”, “Para onde se dirigiu?”, “Com quem?”, “Como foi recompensado?”, “Onde foi sepultado?”.

A avaliação desta sessão efetuou-se através das respostas dadas à Ficha.

4.9. Sessão 9 – 15 de janeiro de 2020

A sessão número 9, seguindo a mesma sequência de conteúdos programáticos, foi dividida em três momentos: realização da leitura da Lenda de Egas Moniz – Momento I; construção de texto dramático através da elaboração de uma nova lenda – Momento II; dramatização da história – Momento III.

Toda a sessão esteve assente em objetivos como reconhecer a Lenda de Egas Moniz como uma fonte histórica de tradição oral, reconhecer a importância histórica da figura de Egas Moniz em Guimarães e localizar temporalmente a lenda.

Além destes, foram também objetivos das atividades, definir papéis dentro do grupo, discutir sobre aquilo que vão escrever, narrar a história, articulando e organizando as diferentes informações.

O primeiro momento – Momento I- relembrou os aspetos principais da Lenda de Egas Moniz, através da leitura de um texto já conhecido pelos alunos.

Assim, a professora projetou o texto e pediu a alguns alunos que o lessem em voz alta. Depois, também oralmente, fez-se o reconto da Lenda e registou-se no quadro as respetivas personagens.

No Momento II desta atividade, a professora explicou à turma que pretendia que estes criassem uma nova história a partir da Lenda de Egas Moniz. Essa nova versão, não obedecia a tempos, pelo que, o desenrolar da ação podia dar-se no passado, no presente ou no futuro e, a história podia ser totalmente distinta do texto original.

Dividiu a turma em grupos de 5 elementos, onde, cada grupo, com o auxílio da professora escreveu uma nova história que devia posteriormente ser representada e apresentada por cada grupo, à turma, em 5 minutos.

O terceiro momento permitiu que os alunos exprimissem aquilo que criaram através de uma dramatização.

A professora distribuiu aos alunos as personagens e, colocou uma mesa no centro da sala, coberta com um pano preto.

Cada grupo, à vez, recontou a sua história em forma de teatro, usando como auxílio as personagens.

A avaliação da sessão foi efetuada através da observação da atenção dos alunos e da sua capacidade de reconto do texto. Foi efetuada a recolha para avaliação, dos textos, tendo em conta a criatividade, a organização das ideias e a capacidade de escrita. Foi ainda, avaliada a capacidade de trabalhar em grupo, o espírito de cooperação, o empenho, a participação, a atenção e a postura dos alunos. Foram efetuados registos em notas de campo das respostas dadas pelos alunos (pelo par cooperante).

4.10. Sessão 10 – 28 de janeiro de 2020

A décima e última sessão foi dividida em dois momentos: - Momento I – Testemunho oral sobre a tradição das cantarinhas e dos lenços dos namorados; - Momento II - Construção de cantarinha dos namorados e de lenço dos namorados.

Os objetivos desta sessão foram os de reconhecer a cantarinha dos namorados como uma fonte histórica de tradição local e o lenço dos namorados como uma fonte histórica de tradição local, bem como, conhecer o que estes representam no concelho, conseguindo localizar temporalmente a origem desses símbolos.

Além disso, outros objetivos foram os de os alunos serem capazes de identificar as principais características das cantarinhas dos namorados e dos lenços dos namorados, reconhecendo-os como

um símbolo da história do património local.

No Momento I, através da apresentação à turma de uma Professora já conhecida pelos alunos, que estava diretamente ligada à produção destes materiais na cidade de Guimarães, iniciou-se o seu testemunho.

Através do seu discurso foram dados a conhecer os aspetos principais da história por detrás da cantarinha dos namorados e dos lenços dos namorados, foram mostrados os objetos aos alunos, que puderam tocar-lhes e analisar cada uma das suas características e particularidades.

No fim do testemunho, a professora propôs aos alunos que efetuassem questões à oradora e que fizessem comentários que achassem pertinentes.

O Momento II, com vista a consolidar as ideias relativas à cantarinha e ao lenço dos namorados enquanto fonte histórica do património local, foi proposto, que os alunos fizessem a sua própria cantarinha e o seu lenço.

A professora convidou os alunos que pintar o seu próprio lenço dos namorados.

Depois, forneceu a cada aluno um pedaço de pasta de modelar e um molde, para que os alunos amassassem e construíssem a sua cantarinha.

Quando prontos, os trabalhos foram expostos e, ficaram disponíveis a ser vistos pela comunidade escolar.

Toda a sessão foi avaliada através da observação da atenção dos alunos, da pertinência das questões e das críticas efetuadas pelos mesmos. Também foi observado o domínio de técnicas por parte dos alunos e, foram observados e registados os resultados finais obtidos.

CAPÍTULO V: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O quinto capítulo apresenta a análise e discussão dos dados recolhidos dos instrumentos aplicados aos alunos durante as várias sessões de implementação do projeto descritos no capítulo da Metodologia. São analisados primeiramente os dados, recorrendo a métodos quantitativos e qualitativos. Posteriormente são tecidas algumas conclusões referentes à análise de dados efetuada no 1º. Ciclo. Será apenas nas conclusões gerais que se procede ao cruzamento dos dados e respondidas as questões de investigação.

5. Análise e discussão dos dados do 1º. Ciclo do Ensino Básico

5.1. Ficha de Levantamento das Ideias Prévias sobre Património Nacional e Local

Participaram na atividade desenvolvida pela ficha de avaliação dos conhecimentos prévios dos alunos (Anexo A) 22 alunos do 4º ano da Escola Básica onde foi efetuado o estágio de primeiro ciclo.

Procurou-se com a realização da Ficha de Levantamento das Ideias Prévias, tomar conhecimento daquilo que os alunos já sabiam sobre os assuntos que iam ser tratados, na medida em que, o conhecimento prévio destes, poderia servir de ponte para o novo conhecimento, nomeadamente, através, da reestruturação de concepções mentais já existentes com a junção de novas aprendizagens.

Além disso, sempre que um aluno é incitado a refletir sobre um conteúdo que, eventualmente ele já conhece, a experiência pode ganhar um novo significado.

Não obstante estas razões, é ainda importante, perceber em que nível de conhecimento se encontram os alunos sobre os assuntos e, assim, adequar o ensino, bem como as estratégias, ferramentas e abordagens ao contexto com que se está a lidar.

Na tabela 2 apresentam-se as respostas dos referidos alunos relativamente às ideias sobre património. Sobre a afirmação *“Património é o conjunto de bens materiais (monumentos, edifícios, objetos...) que contam a história de um povo.”* 81,8% (18) dos alunos afirmaram que esta é verdadeira. Quanto ao facto: *“Património é o conjunto de bens imateriais (lendas, tradições, costumes...) que contam a história de um povo.”* Foram 90,9% (20) os alunos que responderam corretamente. Todos os 22 alunos consideram falsa a afirmação *“Não existe património na cidade de Guimarães.”*

Quando confrontados com a afirmação “*O património pode ser ambiental*”, 54,5% (12) referiram que esta afirmação é verdadeira. Por outro lado, a maioria, 86,4% (19) dos alunos sabe que “*O património pode ser cultural e natural*”.

Por fim, verifica-se que 90,9% (20) dos alunos considerou a afirmação como incorreta, “*Na cidade de Guimarães, o único património que existe é o Castelo de Guimarães*”.

Tabela 2 - Caracterização das respostas relativas às ideias sobre Património

Ideias	Falso n (%)	Verdadeiro n (%)	Total n (%)
Património é o conjunto de bens materiais (monumentos, edifícios, objetos,...) que contam a história de um povo.	4 (18,2%)	18 (81,8%)	22 (100%)
Património é o conjunto de bens imateriais (lendas, tradições, costumes,...) que contam a história de um povo.	2 (9,1%)	20 (90,9%)	22 (100%)
Não existe património na cidade de Guimarães.	22 (100%)	0 (0,0%)	22 (100%)
O património pode ser ambiental.	10 (45,5%)	12 (54,5%)	22 (100%)
O património pode ser cultural e natural.	3 (13,6%)	19 (86,4%)	22 (100%)
Na cidade de Guimarães, o único património que existe é o Castelo de Guimarães.	20 (90,9%)	2 (9,1%)	22 (100%)

Na tabela 3 encontram-se os resultados das respostas dos alunos relativos à classificação do tipo de património apresentado nas imagens. No que concerne às imagens 1 e 2, 90,9% (20) dos alunos classificaram-nas corretamente como património imaterial e material.

No caso da imagem 3 foram 22,7% (5) os que classificaram de forma correta como património imaterial, relativamente à imagem 4, 50% (11) dos alunos consideraram corretamente que era património imaterial.

Relativamente às imagens 5, 7, 10, 12 e 13 ilustrativas de património imaterial foram 59,1% (13), 36,4% (8), 72,7% (16), 45,5% (10) e 54,5% (12) dos alunos que as classificaram de forma correta, respetivamente.

Tabela 3 - Caracterização das respostas relativas às ideias ao tipo de Património (material e imaterial)

Material	Património Material n (%)	Património Imaterial n (%)	Total n (%)
Imagem 1	2 (9,1%)	20 (90,9%)	22 (100%)
Imagem 2	20 (90,9%)	2 (9,1%)	22 (100%)
Imagem 3	17 (77,3%)	5 (22,7%)	22 (100%)
Imagem 4	11 (50,0%)	11 (50,0%)	22 (100%)
Imagem 5	9 (40,9%)	13 (59,1%)	22 (100%)
Imagem 6	17 (77,3%)	5 (22,7%)	22 (100%)
Imagem 7	14 (63,6%)	8 (36,4%)	22 (100%)
Imagem 8	17 (77,3%)	5 (22,7%)	22 (100%)
Imagem 9	18 (81,8%)	4 (18,2%)	22 (100%)
Imagem 10	6 (27,3%)	16 (72,7%)	22 (100%)
Imagem 11	14 (63,6%)	8 (36,4%)	22 (100%)
Imagem 12	12 (54,5%)	10 (45,5%)	22 (100%)
Imagem 13	10 (45,5%)	12 (54,5%)	22 (100%)
Imagem 14	16 (72,7%)	6 (27,3%)	22 (100%)

Assim categorizando as respostas dadas em três níveis: Bom, Suficiente e Insuficiente, considera-se que se obteve 4 respostas de nível Bom, 5 de nível Suficiente e 7 de nível Insuficiente.

Analisando em simultâneo os dados obtidos nas duas tabelas anteriores, pode, genericamente, concluir-se que a turma possuía um conhecimento bastante satisfatório no que concerne à definição de Património, sendo que, todos admitiram que, a sua cidade possuía Património, independentemente da sua categorização, reconhecendo na sua maioria que, o Castelo de Guimarães, não é o único registo patrimonial local existente.

No que respeita à classificação dos diferentes tipos de Património, pouco mais de metade da turma demonstrou saber que o Património pode ser também ambiental, mas, em contrapartida, grande parte sabia que este pode manifestar-se sobre a forma cultural e/ou natural.

Por outro lado, quando confrontados com imagens de património não só local, mas nacional, notou-se a existência de uma maior lacuna de conhecimento. Assim, a primeira impressão é que a turma, tem um conhecimento prévio de nível elevado de Património local, mas, não tanto de Património nacional.

No que respeitou ao entendimento pessoal sobre património foram 17 os alunos que responderam à questão aberta. Na Tabela 4 apresentam-se as ideias categorizadas das respostas dos alunos.

Tabela 4 - Categorização das ideias dos alunos sobre o conceito de Património – “O que entendes por Património?”

Categorias	Exemplos de resposta	Nº. de Ocorrências
Ideia de património como conjunto de bens	Património é um conjunto de coisas. Património é um conjunto de bens.	3
Ideia de património associado a monumentos	Património é um conjunto de monumentos importantes para a história. Património são os monumentos de uma região.	2
Ideia de património como herança	Património é a história de um povo e as recordações da história.	1
Ideia de património materializado no espaço	Património é a história de uma cidade. Património são coisas que são importantes para um sítio. Património é um conjunto de coisas antigas que contam a história de um lugar. Património são os monumentos de uma região.	4
Ideia de património material e imaterial	Património são objetos ou lendas que ficam cá durante muito tempo, são coisas antigas. Património é a história, as lendas, tradições e costumes. Património é monumento, lendas, objetos, edifícios, tradições e costumes. Património é um conjunto de tradições, lendas	7

	<p>e costumes.</p> <p>Património é uma cultura que tem muitas histórias de antigamente.</p> <p>Património são coisas antigas, monumentos e cultura.</p> <p>Património são os monumentos que existem numa região.</p>	
Ideia de património cultural (conceito científico)	Existem três tipos de património o material, o imaterial e o natural que são coisas e são coisas que passam de geração em geração.	1
Não respondem		0
Total		17

Analisando as respostas dadas percebe-se que, 5 alunos (22,7%), quando confrontados com o desafio de escrever sobre Património, o associa à ideia vaga e simplista de associar o Património, unicamente a bens e monumentos, deixando de parte as outras formas de Património. Apenas 1 aluno (4,5%) o categorizou como sendo uma herança e, 4 alunos (18,1%), limitaram-se a materializar o conceito no espaço.

Houve 7 alunos (31,8%) que, conseguiram na ideia de Património, fazer referência à existência de Património Material e Imaterial e, apenas 1 aluno (4,5%), concebeu o Património sob o ponto de vista cultural e científico.

Assim, percebe-se que, a turma, quando confrontada com a necessidade de escrever sobre a concepção de Património, revela uma maior dificuldade, do que, quando precisa apenas de reconhecê-la.

Relativamente à questão que pede três formas de património imaterial existentes na cidade de Guimarães, foram 13 (59%) os alunos que responderam e, destes, nem todos deram os três exemplos: apenas 6 (27,3%) alunos os fizeram.

Apresenta-se na tabela 5 as respostas obtidas. Observa-se que o património mais referido são as festas Nicolinas, por 6 alunos, seguidas do Lenço dos Namorados destacado por 5 alunos, as Lendas são invocadas por 4 alunos, embora tenham sido dados exemplos diferentes - "Lenda da Estátua das duas caras; Lenda de D. Afonso Henriques e Lendas de Guimarães" – costumes, tradições

e provérbios são indicados por 3 alunos e, apenas 1 refere as Gualterianas. Apesar de nem todos terem conseguido apresentar três exemplos de Património Imaterial de Guimarães, pelos exemplos ajustados que dão em relação a Guimarães, já que, apenas 1 aluno considera a Batalha de S. Mamede como fazendo parte desta tipologia de Património, provavelmente por considerar este acontecimento histórico significativo na história de Guimarães.

Importa ressaltar que, os mais invocados, são os que, fazem parte do projeto pedagógico que se pretendeu implementar.

Tabela 5 - Respostas obtidas relativas a três exemplos de património imaterial da cidade de Guimarães

Indica três formas de património imaterial existentes na cidade de Guimarães?
A lenda do homem de três caras
Batalha de S. Mamede, lenda da estátua das duas caras
Lenço dos namorados
Lenço dos namorados, Nicolinas
Lenço dos namorados.
Lendas
Lendas, costumes e tradições.
Lendas, Nicolinas e provérbios portugueses
Lendas, provérbios e tradições
Nicolinas, Gualterianas e a lenda de D. Afonso Henriques
Nicolinas, lenço dos namorados e lenda de Guimarães
Nicolinas, lenço dos namorados e lendas
Nicolinas, lenda de Guimarães, provérbios vimaranenses

No que se trata da identificação dos monumentos históricos ilustrados nas imagens que fazem parte do Património histórico de Guimarães foram 20 os alunos que responderam. Apresentam-se as respetivas respostas na tabela 6. Observa-se que apenas 3 alunos (15%) identificaram todos os monumentos que fazem parte do património de Guimarães, embora, 10 alunos (50%) tenham falhado apenas pela diferença de um monumento. Já os restantes, falharam por uma diferença maior.

Tabela 6 - Dados relativos às respostas obtidas relativamente à identificação dos monumentos que fazem parte do Património de Guimarães

Identificação de Monumentos do Património de Guimarães	Total n (%)
10 Monumentos (100%)	3 (15%)
9 Monumentos (90%)	10 (50%)
Menos de 9 Monumentos (<90%)	7 (35%)

Sai reforçada uma vez mais, a ideia de que os alunos possuem um nível satisfatório no que toca ao Património local, pois, 65% da turma, identifica no mínimo 9 monumentos locais.

Assim, partindo de todos estes resultados, as estratégias implementadas, os instrumentos usados e a forma como os conhecimentos foram mobilizados, basearam-se no nível de conhecimento já existente, procurando sempre, criar aprendizagens significativas e atualizar o já conhecido pelos alunos.

5.2. Ficha de levantamento das Ideias Prévias sobre "As Nicolinas"

No que concerne à ficha de levantamento das Ideias Prévias sobre "As Nicolinas" (Anexo B), foram 21 os alunos do 4º ano da escola já referida que participaram na mesma.

Na tabela 7 apresenta-se de forma categorizada, as respostas dos alunos sobre o que entendem da tradição das Nicolinas.

Tabela 7 - Respostas obtidas sobre em que consiste a tradição das Nicolinas

Compreensão da Tradição das Nicolinas	Total n (%)
Festividade associada a um Santo (S. Nicolau)	10 (47,6%)
Festividade associada às Maçãzinhas (maçã, casamento, amor, namorados, prendas)	3 (14,3%)
Festividade associada ao Pinheiro (tambor)	4 (19%)
Outras respostas indiferenciadas	4 (19%)
Total	21 (100%)

O que se verifica é que, menos de metade da turma sabia efetivamente que a tradição Nicolina estava associada a um Santo, mais concretamente, a S. Nicolau (10 – 47,6%). Embora fosse evidente que todos estavam familiarizados com a tradição, devido aos vários eventos que a mesma abarca, nomeadamente o Pinheiro e as Maçãzinhas, a turma, acabou por demonstrar alguma incerteza sobre qual seria realmente a real origem das Nicolinas.

Este facto poderá advir também, de se notar que, tanto os alunos quanto a comunidade em geral, mostra uma grande adesão, por exemplo, ao Pinheiro, e, como tal, poderá advir daí, a ideia pré-concebida de que a tradição se associa em primeira instância a este momento e aos seus respetivos símbolos – tambor.

Também, com a mesma percentagem de respostas (19%), apresenta-se a associação da festividade ao ato das Maçãzinhas, uma vez mais, porque, eventualmente, será um momento de grande envolvimento da população local.

Relativamente ao questionamento sobre o período em que ocorrem “As Nicolinas” 85,7% (18) afirmaram que é entre 29 de novembro e 7 de dezembro e 14,3% (3) entre 7 de dezembro e 25 de dezembro, o que significa que a grande maioria da turma conhece a data correta e se encontra de um modo ou de outro envolvida na tradição.

Tabela 8 - Respostas obtidas sobre o período em que ocorrem "As Nicolinas"

Período em que ocorrem "As Nicolinas"	Respondentes n (%)
De 29 de novembro a 7 de dezembro	18 (85,7%)
De 7 de dezembro a 25 de dezembro	3 (14,3%)

A maioria dos alunos, 66,7% (14) classificou corretamente as Nicolinas como sendo Património Imaterial, Tabela 9. Isto reflete novamente, que os alunos têm presente a conceção de Património Imaterial e, conseguem inclusive, proceder à identificação correta de Património Imaterial local.

Tabela 9 - Respostas obtidas sobre o tipo de património que são "As Nicolinas"

Que tipo de património são as Nicolinas	Respondentes n (%)
Material	7 (33,3%)
Imaterial	66,7%)

5.3. Reflexão sobre a atividade das Nicolinas

Todo o primeiro período do ano letivo, foi sendo constituído por momentos dedicados ao tema das Nicolinas, enquanto fonte de Património Imaterial local, tendo sido (como já referido anteriormente), ao longo dos tempos, efetuadas várias atividades de modo a consolidar o conhecimento pré-existente dos alunos e, procurar criar novas aprendizagens.

Em termos de desenvolvimento curricular teórico, a prática pedagógica, centrou-se numa intervenção didática contextualizada, integrada, que visasse em termos práticos, responder às questões e ir de encontro os temas nucleares inicialmente definidos.

Foram sendo, aula a aula, planeadas estratégias de ensino, através da planificação das mesmas, tendo em conta, os tempos, os objetivos, as metas curriculares, os materiais disponíveis, os conhecimentos prévios da turma sobre o assunto, o contexto comportamental, motivacional, cultural da turma e do meio escolar.

Deste modo, como os alunos demonstraram ter um conhecimento já bastante satisfatório sobre o assunto que se ia tratar – Nicolinas – sendo que, a ideia primordial assentou em, garantir que o ensino mantivesse a turma motivada para a descoberta novos conhecimentos e para a desconstrução de ideias erradas que, porventura, pudessem ter.

Assim, as aulas que ocorreram dentro de sala de aula, assentaram num método de participação ativa, onde os momentos expositivos foram reduzidos ao máximo, procurando-se a construção de um conhecimento construtivista, tentando estabelecer-se relações de diálogo e de maior proximidade entre pares.

Já o recurso à visita de estudo serviu como ponte metodológica entre as práticas didáticas escolares, o currículo e o Património local.

São vários os estudos que apontam as visitas de estudo como um meio promotor e facilitador de competências intersociais e científicas que, intensificam as aprendizagens nas diferentes unidades disciplinares. (Behrendt & Franklin 2014).

Deste modo, a sua prática, pode ser encarada como uma ação pedagógica que beneficia e possibilita a criação de um ambiente direcionado ao desenvolvimento metacognitivo dos alunos, e, como tal, a longo prazo, com efeitos na criação de cidadãos mais responsáveis, críticos e interculturais. (Behrendt & Franklin 2014)

Ainda assim, para que seja retirado todo este potencial das visitas, é necessário, que estas, sejam estrategicamente planificadas: a visita à Casa da Memória teve uma visita prévia ao espaço, para que *à posteriori* os alunos pudessem ser devidamente orientados para os objetivos de aprendizagem do espaço a visitar.

A par disto, foram tidos em conta os horários das atividades para que houvesse tempo para a visita guiada, mas, também, para que os alunos usufríssem da oportunidade de explorar de forma autónoma o espaço.

Após a visita foi efetuado um reforço dos temas explorados, nomeadamente, através da partilha da experiência individual de cada aluno e do *feedback* das aprendizagens gerais da turma.

Também o evento do desfile e da declamação do Pregão, procurou ser uma prática diferenciada e dinamizadora de conhecimento, pois, pretendeu aproximar alunos, família, comunidade e prática pedagógica.

Este evento envolveu uma série de normas e planos de execução, já que foi necessário com antecedência programar e organizar toda a ação com os pais, com a associação de pais, com a junta de freguesia, com os órgãos de segurança pública locais, seguros, entre outros. Foi também necessário tratar da logística do evento, no que concerne aos trajés, objetos, animais, carroçarias...

Tudo isto, permitiu, envolver os pais e a comunidade nas atividades escolares, atribuindo-lhes um papel ativo no desenvolvimento dos alunos.

Além disso, um evento deste género, tem como objetivo explorar na prática o que é discutido e trabalhado em sala de aula, podendo representar uma oportunidade para os alunos trabalharem também, as suas competências socio-emocionais, diversificando e promovendo a riqueza patrimonial local em que a escola se encontra inserida.

Por seu turno, a construção do Mural, permitiu que as aprendizagens extravasem o intelecto e possam produzir novos conhecimentos através da sua exposição à comunidade.

Além disso, são uma forma de evidência do trabalho efetuado pela turma ao longo dos tempos, e permitiu explorar recursos gráficos, plásticos, entre outros.

Também o Mural necessitou de planeamento na medida em que foi programado tudo o que se pretendia que constasse do mesmo e, existiu a discussão com a turma sobre a seleção dos conteúdos e materiais a serem expostos. Com isto, houve, não só reconhecimento do trabalho dos alunos, como a mobilização de conhecimentos e o uso do seu espírito crítico e de liberdade de escolha.

Deste modo, no fim de todas as atividades, e, tendo em conta todas as notas de campo e os diários que foram sendo construídos ao longo de todo o tempo de trabalho, o que se notou foi que, a turma transformou os conhecimentos genéricos que já possuía sobre as Nicolinas, em aprendizagens significativas, reconhecendo o real valor patrimonial imaterial local destas.

Aliás, cognitivamente e afetivamente, parecem ter adquirido e assimilado as competências e habilidades históricas inicialmente pretendidas.

5.4. Ficha de exploração sobre a Lenda de Egas Moniz

Responderam à ficha de exploração sobre a Lenda de Egas Moniz (Anexo C) 26 alunos, do 4º ano, do 1º ciclo. Todos eles identificaram Egas Moniz como sendo a figura retratada na lenda apresentada.

Relativamente à questão da motivação da promessa de vassalagem feita por Egas Moniz, as respostas dos 26 alunos apresentam-se na Tabela 10. Destacando-se os 17 alunos (65,4%) que responderam que o motivo era "Levantar o cerco", que é a resposta válida, em contraposição, com apenas 9 alunos (34,6%) deram outras respostas.

Importa ainda referir que, desses 9 alunos, 5, podem ter respondido de forma menos válida, na medida em que optaram por responder que o motivo era prestar "Vassalagem de D. Afonso Henriques para levantar o cerco", podendo esta opção ter-lhes parecido ser uma resposta mais completa.

Tabela 10 - Respostas obtidas sobre o motivo da vassalagem de D. Afonso Henriques

Qual o motivo da promessa de vassalagem de D. Afonso Henriques ao seu primo?	Respondentes n (%)
Resposta Correta: - Levantar o cerco.	17 (66,4%)
Respostas Erradas: - Independência do condado. - Obrigar D. Afonso Henriques a prestar-lhe vassalagem. - Que D. Afonso Henriques o tratasse como rei. - Vassalagem de D. Afonso Henriques. - Vassalagem de D. Afonso Henriques para levantar o cerco.	9 (34,6%)
Total	26 (100%)

Pela observação das respostas obtidas, conclui-se que a maioria dos alunos percebeu e identificou corretamente o motivo da promessa de vassalagem, sendo que, esta era uma das principais mensagens do texto.

De acordo com todos os alunos que responderam à ficha de trabalho, após o incumprimento da promessa feita por Egas Moniz ao rei D. Afonso VII, o aio de D. Afonso Henriques dirigiu-se a Toledo. Na Tabela 11A apresentam-se os motivos descritos pelos 26 alunos, da viagem de Egas Moniz a Toledo.

Na medida em que esta questão permitia um elevado grau de subjetividade de respostas, todas foram consideradas válidas. Destaca-se, no entanto, a de que Egas terá ido dar a sua vida devido ao "incumprimento da promessa por parte de D. Afonso Henriques", na medida em que se pode inferir no texto. Ainda assim, apresenta-se na Tabela 11B uma categorização em dois níveis classificatórios – Bom e Suficiente - as respostas obtidas, consoante a sua maior ou menor validade.

Tabela 11 - Respostas obtidas sobre o motivo da ida de Egas Moniz a Toledo

Qual o motivo da ida de Egas Moniz a Toledo após o incumprimento da promessa?	Nº. de alunos
Achava que ia ser castigado	4
D. Afonso VII perdoou o incumprimento	1
Foi dar a sua vida e dos seus pelo incumprimento de D. Afonso Henriques	1
Porque D. Afonso Henriques não cumpriu a promessa	16
Porque estava envergonhado	1
Porque queria proteger D. Afonso Henriques	1
Porque queria proteger Guimarães	1
Tentar ajudar D. Afonso Henriques	1

Tabela 12 - Qualificação das respostas obtidas

Motivo da ida de Egas Moniz a Toledo	Nível de qualificação das respostas	Nº. de alunos (%)
Incumprimento da promessa por parte de D. Afonso Henriques; Vergonha. Submissão ao castigo. Perdão	Bom	22 (86,6%)
Proteção a D. Afonso Henriques.	Suficiente	4 (15,4%)
TOTAL		26 (100%)

Relativamente ao local onde está sepultado Egas Moniz, 24 alunos (92,3%) indicaram a Igreja de S. Salvador de Paço de Sousa em Penafiel (resposta correta) e 2 (7,7%) só referiram Penafiel.

Foi questionado aos alunos, se estes concordavam com a atitude do aio e, dos 26 alunos que responderam, 24 (92,3%), mostraram estar em concordância com ele, tendo sido apenas 2 (7,7%) os alunos que discordaram dele.

Na Tabela 12 estão representadas categoricamente as respostas observadas.

Tabela 13 - Respostas obtidas sobre a concordância da ida de Egas Moniz a Toledo

Qual o motivo da ida de Egas Moniz a Toledo após o incumprimento da promessa	Nº. de alunos (%)
Motivos de honra; justiça; sacrifício; respeito; proteção	17 (65,4%)
Motivos de incumprimento de promessa; necessidade de existência de castigo	7 (26,9%)
Não havia motivos	2 (7,7%)
Total	26 (100%)

Observando-se as respostas obtidas, entende-se que os alunos retiraram da atitude de Egas Moniz essencialmente uma mensagem moral, onde reconhecem a existência de valores manifestada através da ação deste personagem histórico, evidenciando um nível de empatia histórica emergente.

Mostraram um forte sentido de reconhecimento por valores morais e éticos.

Foi também pedida aos alunos, a descrição física e psicológica de Egas Moniz, através de informações retiradas do texto. Ora, fisicamente, todos os alunos o referiram como "velho". Quanto à descrição psicológica destacam-se as características como: bondoso, sábio, homem de poucas palavras e com vontade de ferro. Os adjetivos atribuídos encontram-se agrupados na Tabela 13.

Tabela 14 - Respostas obtidas sobre a descrição psicológica de Egas Moniz

Qual o motivo da ida de Egas Moniz a Toledo após o incumprimento da promessa?	Adjetivos	Nº. de escolhas do motivo
Motivos de teor racional	- <i>Inteligente</i>	- 5
	- <i>Sábio</i>	- 9
	- <i>Homem de poucas palavras com vontade de ferro</i>	- 5
	- <i>Experiente</i>	- 7
Total Motivos de teor racional		26

Motivos de teor emocional	- <i>Bondoso</i>	- 8
	- <i>Conselheiro</i>	- 4
	- <i>Honesto</i>	- 3
	- <i>Honrado</i>	- 2
	- <i>Corajoso</i>	- 5
	- <i>Valente</i>	- 2
Total Motivos de teor emocional		24

Com esta caracterização psicológica, verifica-se que os alunos julgam Egas Moniz um homem racional, mas dotado de valores de ordem emocional, na medida em que terão sido essas características as responsáveis pela sua ida a Toledo.

Este julgamento, é bastante importante, pois, além dos factos históricos, atribui humanidade à personagem histórica e levanta questões éticas, morais e de valores caracterizantes da época e do referido período histórico local, reveladores de empatia histórica com este agente histórico.

5.5. Recriação histórica da lenda

Foi pedido, num outro momento, aos alunos que procedessem à construção de um texto dramático, tendo como inspiração a figura de Egas Moniz e, em seguida fizessem a respetiva dramatização. Cada grupo foi constituído por cinco elementos, tendo sido formados 4 grupos. São aqui transcritos na íntegra os textos criados pelos diferentes grupos, e, dada a existência das inúmeras possibilidades à disposição dos alunos todos os textos e dramatizações foram consideradas bem conseguidas.

Grupo I:

"Narrador: D. Afonso VII cercou Portugal inteiro e Egas Moniz foi falar com ele.

Egas Moniz: D. Afonso VII levante o cerco e D. Afonso Henriques deixá-lo-á em paz!

Rei: Humm, temos acordo.

Narrador: Passado uma semana D. Afonso Henriques atacou.

D. Afonso Henriques: Ao ataque, onde estão as minhas tropas? Vou combater sozinho.

Narrador: Enquanto isso Egas Moniz vai com a sua família ter com o rei.

Rei: Não cumpriste a tua promessa por isso vais sofrer!

Filhos: Mamã, papá...

Mãe: Filhos! Egas!

D. Afonso Henriques: Ai é Ai? Então toma..

Rei: Não....

D. Afonso Henriques: Vitória...!”

Grupo II:

“Num dia de Inverno, no país Vimaranesia, Egas Moniz andava a levantar dinheiro. De repente o MB desliga-se e ele vira-se para trás. Depara-se com D. Afonso Henriques que estava acompanhado com o filho de Egas Moniz.

- Graças a Deus, encontrei-te – disse D. Afonso Henriques – olha, encontrei o teu filho a roubar laranjas ao meu vizinho.

- Oh Mateus, isso não se faz – disse Egas Moniz – se tu voltares a fazer isso...

Nesse preciso momento Egas Moniz olha atentamente à sua volta e vê a sua mulher a passar pela Rua Alberto Sampaio presa por dois guardas e D. Afonso VII.

Egas Moniz vai a correr até à sua mulher acompanhado pelo seu filho.

- Rita, o que se passa? Interroga Egas Moniz.

- Nada, só vou ter um julgamento – responde a Rita.

No dia seguinte, no julgamento Mateus diz ao juiz:

- Ela não fez nada!

- Fiz, fiz – confessa Rita.

- Então, vai ser presa, diz D. Afonso VII.

- Não, se você não prender a minha mulher e fizer o que quiser a mim, pode ser? Pergunta Egas.

- Sim, sim de acordo – responde D. Afonso VII.

Assim acaba a nossa história com Egas Moniz na cadeia.”

Grupo III:

“Filho: Há uns dias atrás no país de Portugal o Presidente Afonso VII cercou Portugal porque este, não respeitava Espanha.

D. Afonso VII: Respeitar não iremos, depois deste cerco!

Filho: Quando Egas Moniz soube disso foi logo falar com o presidente Afonso Henriques.

Egas Moniz: Presidente, saiba o rei irmão cercou Portugal.

D. Afonso Henriques: Vou tentar levantar o cerco para ter liberdade.

Filho: Egas Moniz fez a promessa ao presidente Afonso VII.

Egas Moniz: Presidente Afonso VII, peço que levante o cerco e, em troca o seu irmão o respeitará como presidente.

D. Afonso VII: E o rei levantará o cerco se assim for.

Filho: Após um ano Afonso Henriques quebrou a promessa e por isso, Egas Moniz e sua família vão de corda ao pescoço e descalços para o presidente os prender.

Egas Moniz: Senhor presidente, peço desculpa pelo comportamento de Afonso Henriques.

Mulher: Eu também peço imensa desculpa, por isso, vou com o meu marido.

Filho: Eu não sei do que estão a falar, e não sei porque estão aqui, mas concordo com tudo o que dizem.

D. Afonso VII: Eu achei uma desgraça por isso vão presos.

Filho: E assim acaba a lenda.”

Grupo IV:

“No ano 1120 em Espanha há um presidente chamado Afonso VII que queria ser rei e voltar à monarquia.

No dia 21 de janeiro a Península Ibérica voltou à monarquia. D. Afonso VII cercou Guimarães, Egas Moniz ajoelhou-se a D. Afonso VII e disse:

- D. Afonso VII levante o cerco e eu prometo que D. Afonso Henriques não volta a invadir Castela e Leão.

D. Afonso VII responde:

- Eu levanto o cerco, mas a promessa tem de ser cumprida!

Uma semana depois D. Afonso Henriques não cumpre a promessa e diz:

- Vou invadir Leão e Castela!

Depois de invadir Egas Moniz diz à sua família:

- Vamos a D. Afonso VII porque D. Afonso Henriques não cumpriu a promessa.

Com a sua família, descalço e com uma corda ao pescoço entrega-se a D. Afonso VII.

D. Afonso VII compreendeu e disse:

- Podes ir em paz.

Egas Moniz e os filhos agradecem e voltam à República. Os filhos e a mulher agradecem:

- Obrigado, muito obrigado.”

As narrativas precedem da necessidade da existência de um processo prévio de ensino e aprendizagens, no que respeita a competências de leitura e escrita e, consequente partilha de conhecimentos.

Assim, a escrita, tal como a linguagem, não surge de modo inato no ser humano, mas, antes, decorre da apropriação e aquisição gradual que a os indivíduos fazem ao longo dos tempos. Desde os primeiros escalões de ensino, são necessárias desenvolver-se várias competências nos alunos, para que, exista a produção eficiente de um texto escrito.

Quando se analisam os textos/narrativas produzidos pelos alunos da turma, nota-se a existência de algumas dificuldades de escrita, ortografia, organização de ideias, conhecimento de vocabulário, entre outros.

Ora, isto tem depois, reflexo no sucesso do cumprimento dos objetivos da atividade, ainda que, a ideia principal se prenda com a aquisição de habilidades no domínio histórico.

A Tabela 14 classifica os textos produzidos pelos quatro grupos de trabalho, mediante o grau de competências demonstradas por cada grupo. Essa categorização é feita em três níveis diferentes, sendo: **1 – Insatisfatório, 2 – Satisfatório e 3 – Bom.**

Tabela 15 - Categorização dos níveis de competência dos grupos de trabalho

Competências	Grupo	Grupo	Grupo	Grupo
	I	II	III	IV
Composição escrita, organização de discurso e de ideias	2	3	3	3
Paralelismo e conexão com o texto original	1	2	3	2
Inferência/referência crítica e transmissão/apreensão de mensagem	1	2	3	2
Noção de tempo e espaço	2	2	3	2
Autonomia, criatividade e espírito de grupo	3	3	3	3
Representação e dramatização	1	2	3	1

Tabela 16 - Presença de Pressupostos Históricos nas narrativas

GRUPOS	PRESENÇA	PRESSUPOSTO HISTÓRICO
Grupo I	X	Empatia, compreensão e variância na narrativa
Grupo II		
Grupo III	X	
Grupo IV	X	
Grupo I		Ideias tácitas construídas a partir das suas vivências
Grupo II	X	
Grupo III	X	
Grupo IV	X	
Grupo I	X	Uso de termos/conceitos relacionados com a História (exemplos: cerco, país, presidente, liberdade, monarquia)
Grupo II	X	
Grupo III	X	
Grupo IV	X	
Grupo I	X	Uso e aplicação da interpretação feita a partir de fontes históricas
Grupo II	X	
Grupo III	X	
Grupo IV	X	

Nas narrativas os alunos tenderam a manter e destacar com maior ênfase o acontecimento referente ao cerco. Estando este conceito presente em três dos quatro textos construídos.

Quanto às relações causais/mudanças/continuidades, as narrativas dos alunos tenderam a destacar os acontecimentos relativos à falha da promessa, ao castigo como consequência dessa ação e, em simultâneo, ao perdão. Todos os grupos fizeram referência a essas relações.

Por seu turno, no que respeita a marcadores de tempo e espaço, os alunos procederam a alterações em ambos os critérios. Alteraram a data dos acontecimentos, tendo inclusive, o Grupo II, transportado a história para a atualidade e, no que respeita ao espaço, transformaram os Reinos em países, ou em locais inventados como: "Vimaranésia".

No que às personagens respeita, todos os grupos usaram as personagens principais do texto original, no entanto, o Grupo II adicionou novas personagens na recriação da história.

De um modo geral, a turma mostrou-se capaz de construir o texto dramático, estabelecendo ligações mais ou menos diretas entre as personagens e a carga histórica que as mesmas carregam. Também foram capazes de se desprender da lenda original e, dar-lhe novas vidas e novas adaptações.

Ainda assim, nota-se ainda a existência de uma fragmentação narrativa, na medida em que a maior parte dos grupos apresenta as ideias de forma curta e desconectada entre si. Facto que, acaba depois por afetar a forma como acontece a dramatização da mesma.

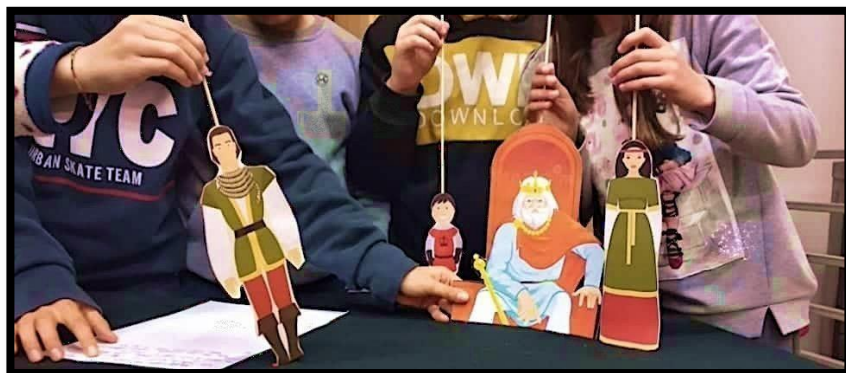


Figura 12 - Dramatização aberta inspirada na Lenda de Egas Moniz

5.6. Atividade da Cantarinha e dos Lenço dos Namorados

Após presença em sala de aula de uma figura local diretamente ligada à tradição da Cantarinha dos Namorados e do Lenço dos Namorados que, através do seu testemunho oral, efetuou toda a contextualização e importância histórica destes elementos no património local, os alunos tiveram oportunidade de ver, tocar, desmistificar o significado de cada símbolo presente em cada objeto.

O recurso ao testemunho oral enquanto forma didática, pode acontecer de diversas formas e, até, decorrer em simultâneo, seja através do encontro de uma ou mais testemunhas com os alunos, seja através de projetos de recolha de testemunhos, entrevistas, narrativas, filmes, documentários...

Este recurso ganha potencial no ensino da História por diversas razões: por um lado, os alunos conseguem contactar com uma pessoa portadora de uma experiência singular, rica em pormenores desconhecidos à generalidade da população e, por outro, isso acontece através da força de uma narrativa rica em emoção e personalidade humana.

Há uma humanização dos conceitos teóricos, e, no caso concreto deste projeto, foi possível aos alunos, ver, sentir, tocar, analisar cada elemento levado pela testemunha para a sala de aula.

Além disso, esta forma de comunicação responde também à finalidade educativa dos alunos, terem espaço, para colocar questões, desenvolver o seu espírito crítico, dialogar e, conseqüentemente, interessarem-se pelo Património que observam.

Os testemunhos, surgem, em contexto sala de aula, objetivamente, com um fim educativo como base, mas, vão muito além dele, na medida, em que incitam as novas gerações a manter vivas as tradições, a respeitá-las, a conhecê-las com verdade e, acima de tudo, a perpetuá-las.

Os alunos quando construíram as suas cantarinhas, em barro, tiveram oportunidade de a adornar segundo o seu gosto e, todos, sem exceção a representaram fielmente e aos seus símbolos.

Também os Lenços construídos mostraram diferentes símbolos, diferentes frases, todas elas, de acordo com o simbolismo que a tradição mandava. Dos 26 alunos participaram 25 na atividade.

A dificuldade mostrou-se maior, quando tiveram que trabalhar o barro e a motricidade fina para construir a cantarinha. Foram obtidos 25 lenços dos namorados e, 21 cantarinhas intactas, pois, as outras, devido ao barro não estar tão bem trabalhado acabaram por partir.

Os lenços e as cantarinhas foram postos em exposição e os familiares dos alunos foram convidados a visitar a mesma.



Figura 13 - Momento em que alunos contactam com lenço dos namorados



Figura 14 - Lenço e cantarinha dos namorados mostrada em sala de aula aos alunos

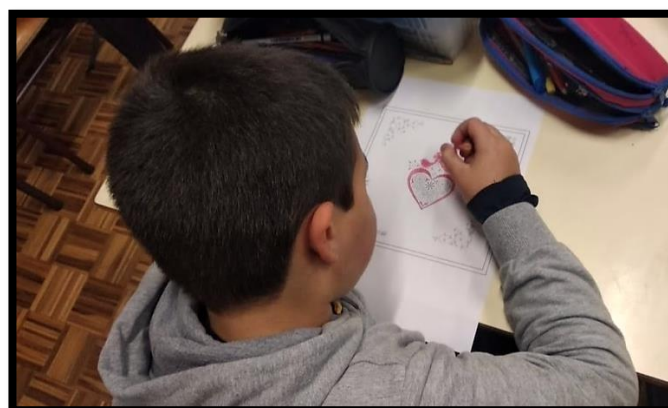


Figura 15 - Aluno a pintar lenço dos namorados



Figura 16 - Cantarinhas dos namorados feitas pelos alunos a secar

CAPÍTULO VI: CONCLUSÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

O sexto e último capítulo encerra o projeto e apresenta algumas conclusões inerentes à prática construída, bem como, às questões de investigação que serviram de base a todo o desenvolvimento e a todas sessões, ações, instrumentos e atividades implementadas.

São também apresentadas aquelas que foram as limitações encontradas ao longo desta investigação e, assim, sugeridas algumas recomendações a quem futuramente se dedique à realização de projetos ou estudos sobre todas as temáticas aqui abordadas.

6. Conclusões gerais

Chegado este momento impõe-se fazer uma reflexão sobre todo o decurso da prática pedagógica em contexto, sobre o poder do seu carácter investigativo e, o seu efeito no desenvolvimento pessoal, não obstante que, ao longo de toda a experiência, tenham sido, sistematicamente realizadas observações, considerações, correções sobre toda a ação e sobre toda a prática investigativa.

A primeira preocupação prendeu-se com aquilo que eram as problemáticas notadas e o contexto das turmas. Observaram-se aquelas que aparentavam ser as necessidades, os interesses, os tempos, a heterogeneidade dos alunos e do meio sócio cultural em que se encontravam inseridos.

Tudo isto pareceu de uma importância extrema na medida em que, uma das finalidades do projeto seria, não só perceber a importância do património imaterial no ensino da história, mas, acima de tudo, do património local e, nesse sentido, é impossível separar a essência e a motivação dos alunos daquilo que é o tema que se pretende trabalhar.

Partindo destas premissas, do diálogo com as turmas e com os professores cooperantes, foi rapidamente possível perceber o interesse que os alunos demonstravam pela riqueza patrimonial local. E, realmente, Guimarães, é uma cidade que possibilita o desenvolvimento de uma infinidade de projetos relacionados com a História, pois, é de uma enorme riqueza no que concerne ao património histórico imaterial e material.

Assim, as sessões foram planeadas de forma criteriosa, procuraram basear-se em diferentes estratégias pedagógicas para que, fosse possível manter-se o interesse e a motivação dos alunos (Ver em Anexo Exemplo de uma Planificação – Anexo H). Além disso, também as metodologias adotadas visaram dinamizar e potenciar as competências dos alunos, de modo integrador, através de métodos de inclusão, de inovação, onde todos, inclusive família e a sociedade foram chamados a participar

ativamente.

Baseando a nossa ação no modelo construtivista, foram sendo dadas aos alunos, ferramentas para que estes pudessem explorar e descobrir o conhecimento. Tudo isto, procurou ser realizado num espírito de cooperação e colaboração que, acabou por produzir resultados muito satisfatórios. De notar que, às vezes, quando há tanto para explorar e os alunos já participaram em tantas atividades sobre o tema, se torna pouco aliciante mantê-los interessados e motivados.

Tendo em conta todos estes princípios, faz sentido referir que, embora os alunos tenham demonstrado ter um conhecimento prévio bastante satisfatório do Património local, existiam dificuldades, na identificação e interpretação de fontes históricas, na construção de conceitos históricos, na desmistificação de ideias incorretas pré-concebidas. Além disso, no que ao Património nacional dizia respeito, as lacunas apresentadas agudizavam-se e, faziam-se sentir, sempre que os assuntos ultrapassavam o limite extra Guimarães.

Também no que toca ao uso e interpretação de fontes históricas locais orais, foi necessário trabalhar as competências dos alunos, já que, evidenciavam alguma dificuldade na correta interpretação da História local.

Em termos pessoais realizar este projeto permitiu alargar os horizontes sobre aquilo que é a docência, sobre a noção de trabalho de campo, a forma como se concebe o planeamento e a concretização do ensino. Permitiu-me entender melhor qual poderá ser a minha identidade enquanto docente e, estabelecer relações mais próximas com a história local, a comunidade local, o meio escolar, o meio docente, e, acima de tudo, aqueles que considero ser os que ocupam o lugar primordial neste meio: os alunos.

No início deste projeto foram colocadas algumas questões de investigação. A primeira questão de investigação que procuramos responder com este estudo foi:

6.1. Que conhecimentos os alunos têm do Património Imaterial de Guimarães?

O projeto iniciou-se com levantamento das ideias prévias onde foram questionados, através de uma ficha conhecimentos e conceções prévias dos alunos, sobre Património. Partiu-se da definição global, afunilando-se o conceito nas suas ramificações, nomeadamente para Património Material e Património Imaterial e, ainda para Património Imaterial Local.

Constatou-se que a maioria dos alunos detém já um conhecimento prévio do conceito de património, distinguem diferentes tipos de Património, pouco mais de metade dos alunos da turma demonstrou saber que o Património pode ser também ambiental, mas, em contrapartida, grande parte

sabia que este pode manifestar-se sobre a forma cultural e/ou natural (86,4%). Quanto ao património local, 65% dos alunos reconhecem no mínimo 9 monumentos locais. Mais de metade dos alunos da turma conseguia fazer a distinção entre Património Material e património Imaterial.

Assim, com este conhecimento, apresentou-se uma ficha mais particularizada, com questões sobre a Tradição Nicolina. E, foi do conhecimento demonstrado pelos alunos nessa ficha que se partiu para a exploração desta tradição, que, em Guimarães, costuma movimentar grande parte da população. Talvez, este seja um dos motivos que a faça ser tão conhecida pelos alunos e, embora estes, demonstrassem não entender na totalidade a sua origem, o que significava cada uma das suas ações, cada um dos seus símbolos e figuras.

Através de diálogos, da criação do Pregão Nicolino, do desfile dos Nicolinos, da construção do Mural, da explicação de cada símbolo, foi animador ver a evolução, a participação e o entendimento que os alunos desta turma do 4º. Ano do 1º. Ciclo demonstrou ao longo de todas as atividades. As atividades em volta do lenço dos namorados e das cantarinhas reforçou o conceito de património imaterial ao materializarem através da sua construção o saber tradicional e intangível deste património, como uma arte a perpetuar.

No final, de um modo geral, os alunos demonstravam dominar não só o conceito de património imaterial, como, sabiam identificar e localizar no tempo e no espaço a existência desse Património em Guimarães. Constatou-se que estes alunos evidenciaram terem desenvolvido uma compreensão/valorização do património, entendido como suporte de identidade (Barca & Alves, 2016). Tal como refere Pinto (2011) o contacto direto com o património promove um sentido de identidade local, nacional ou glocal, e uma forte consciência patrimonial em articulação com a consciência histórica (Rüsen, 1993).

6.2. Qual o potencial pedagógico das lendas e da tradição oral para o desenvolvimento do conhecimento histórico?

Citando Solé (2013), a literatura de ficção histórica promove a construção de conhecimento histórico e a imaginação, como tal, aproveitando uma vez mais a riqueza e o potencial patrimonial imaterial de Guimarães, procedeu-se à análise da Lenda de Egas Moniz. Foram realizadas diferentes tarefas neste sentido, tendo sido iniciado uma vez mais, um levantamento do conhecimento prévio dos alunos, depois, a partir de pesquisa, os alunos construíram a biografia de Egas Moniz. Aqui, usando as novas tecnologias, todos foram capazes de construir os traços gerais da figura de Egas e, assim, dar o mote, para introduzir a narrativa história, através do confronto de diferentes perspetivas da Lenda.

No que respeita ao paralelismo e diferentes formas de contar a mesma história, bem como, de utilizar dicotomias entre o real e o ficcional das lendas, foi possível dar a conhecer aos alunos a diferença entre o real e o imaginário, confrontar com diferentes modos de contar uma mesma história, apresentar perspectivas diferentes, principalmente quando se trata de tradição oral (Cooper, 2002; Filipe & Solé, 2018).

O filósofo Walter Benjamin (1987), nos seus estudos, demarca a importância da experiência da narração tanto para o orador, quanto para os seus ouvintes, pois, se por um lado o discurso é fruto de toda a experiência e conhecimento do narrador – retratos de vida vivida e ouvida – por outro, ouvir o conto ou reconto de uma história ou tradição, pode servir de alicerce para a construção de um caminho pautado pela descoberta de novos conhecimentos, pelo respeito e valorização do que é contado.

Quando se chamou a Professora à sala de aula, para falar sobre os Lenços dos Namorados e as Cantarinhas, procurou-se estimular a interação entre pares, espicaçar a curiosidade dos alunos, criando neles a prática de ouvir e com esse “aprender a escutar”, serem capazes de construir as suas próprias memórias.

A comunicação oral enquanto desenvolvimento do conhecimento histórico, pretende também, humanizar os conceitos históricos e, tornar o autoconhecimento dos alunos mais livre, ainda que ocorra dentro da sala de aula, isto porque, acabam por ter a oportunidade de se enxergarem como exploradores e construtores do seu próprio conhecimento histórico.

6.3. Que aprendizagens ao nível da compreensão histórica e da empatia histórica constroem os alunos a partir da recriação histórica?

Ainda na exploração da Lenda de Egas Moniz, usou-se a recriação histórica como forma de fomentar a aprendizagem, a compreensão e a empatia histórica dos alunos. Altamente prática, as atividades de representação dramática, quando assentes na construção dos textos, dos diálogos, das personagens, dos adereços, dos ensaios de apresentação, opõem-se *per si* a um método de ensino expositivo, baseado em rotinas, de leitura e oralidade, onde não há a possibilidade de transposição do aluno para “sair de si mesmo”, ainda que por momentos e, experienciar as personagens e as histórias, criando assim empatia com as mesmas.

Apesar de se notar que os alunos mostraram dificuldade em escrever os textos e, um pouco de vergonha em libertar-se no momento de se apresentar, notou-se que houve o desenvolvimento de várias aprendizagens e inteligências com esta atividade, na medida em que, se mostraram

imaginativos, motivados e empáticos com os personagens e a história. Quando questionados se concordavam ou não com a atitude tomada por Egas Moniz, 92,3% dos alunos mostraram estar em concordância com ele, expressando compreender as ações dos agentes históricos na época, ou seja, entender o papel de Egas Moniz, como aio de D. Afonso Henriques, ao ter a missão de orientar e aconselhar e não ter possibilitado que cumprisse as suas promessas para com seu primo D. Afonso VII, evidenciando assim um nível de empatia histórica emergente.

Também as atividades exploradas no âmbito da tradição das Nicolinas, permitiram recriar a História. E, com essa recriação, foi consentido aos alunos que, através da interação social, construíssem gradativamente o sentido dos símbolos e do significado da tradição e da sua cultura.

As Nicolinas, sendo uma fonte típica de expressão de cultura local, estão repletas de elementos que permitem identificar e diferenciar a comunidade vimaranense de todas as outras comunidades.

Deste modo, os alunos tiveram a possibilidade de contatar diretamente com a tradição, conhecer a sua identidade e de construir conhecimentos, perpetuando memórias. Verificamos que estes transformaram os conhecimentos genéricos que já possuíam sobre as Nicolinas, em aprendizagens significativas, reconhecendo o real valor patrimonial imaterial local destas. A construção do pregão e a recriação das festividades contribuiu para uma vivência efetiva destas festividades, da sua valorização e perpetuação como património imaterial a preservar.

A recriação histórica adota funções culturais diferentes de outro tipo de eventos, pois apresenta uma natureza eminentemente simbólica, acabando por funcionar para os alunos como catalisador identitário.

Além disso, a recriação permite que os alunos percebam a necessidade de defesa do seu património, educando-os deste modo, para a cidadania e, consolidando o seu sentido de apreciação crítica da História.

6.4. Como avaliam os alunos o contributo destas estratégias para a aprendizagem de História?

Ensinar e aprender são ações que exigem estar sustentadas numa base sólida para que os resultados obtidos destes processos possam ser considerados positivos e satisfatórios. Assim, dependem da combinação de vários fatores nomeadamente, de analisar e ter em conta o meio sociocultural onde os alunos se inserem, proporcionar condições de trabalho, aplicar estratégias de ensino capazes de motivar, estimular e criar aprendizagens significativas nos alunos.

Neste projeto procurou-se ir ao encontro da turma, aproveitando os meios disponíveis e,

criando-se estratégias adequadas a todo o contexto, tentando que os métodos de ensino fossem eficazes, se descolassem do modelo de aula meramente expositivo, permitindo que os alunos sentissem, vivenciassem e participassem da construção do seu próprio conhecimento.

Assim, o adequado no fim da implementação do projeto seria, ter-se aplicado uma ficha de metacognição, de modo a perceber-se qual o contributo das estratégias usadas na construção das aprendizagens históricas.

A ficha de metacognição a ser aplicada (Anexo G), foi elaborada, no entanto, devido ao apertado calendário e ao fato de o tempo de estágio ser partilhado com um par estagiário, não foi possível fazer-se a sua aplicação.

Tendo em conta esta limitação, não deixou de ser possível, no entanto, avaliar-se as potencialidades das metodologias e processos aplicados, pois, ao longo de todo o período de estágio, houve preocupação com a opinião dos alunos, foi feita análise do modo como estes reagiam às tarefas que lhes eram propostas e, através da sua participação e demonstração verbal e escrita de conhecimento, foram sendo avaliadas todas as ações planeadas.

Os alunos demonstraram-se maior satisfação na realização de ações como a visita de estudo à Casa da Memória, o desfile e proclamação do pregão Nicolino, com o testemunho oral da Professora sobre o Lenço e as Cantarinhas dos Namorados e, com a construção dos seus próprios lenços e cantarinhãs.

As outras atividades, embora sempre alvo de muita participação, pareceram ser um pouco menos motivantes que as anteriormente referidas.

Quando o projeto foi dado como concluído, os alunos apresentaram um conhecimento coeso, uma maior auto capacidade de desenvolver o conhecimento histórico, partindo de ferramentas que lhe são dadas, como lendas, mitos, tradições orais.

Mostraram um maior entendimento sobre o passado, o presente e o futuro, aquilo que é real e aquilo que é ficcional, bem como a importância que o património tem na história das suas gentes.

Demonstraram ainda vontade de continuar a desenvolver e enriquecer as suas aprendizagens sobre história, ficando até em rascunho um novo projeto sobre o estudo da tradição gastronómica de Guimarães.

Como conclusão geral o estudo evidenciou que trabalhar o Património Imaterial Local, fomentou nos alunos do 4.º ano uma consciência histórica e patrimonial, permitiu o contacto e análise de fontes patrimoniais, tratadas como evidências históricas. Assim, o recurso ao Património Imaterial Local –

Lendas, tradição e recriação histórica – mostrou-se eficaz no desenvolvimento de cognição e inferência histórica dos alunos. Permitiu desenvolver o espírito crítico, a valorização e significância do património imaterial, para a compreensão da história local e nacional. A consciência histórica e patrimonial foi desenvolvida nestes estudantes, diluindo-se a distância espaço-temporal existente entre o tempo presente e o passado, através da pesquisa, da reflexão, do espírito crítico, do saber histórico-científico, envolvendo-se de forma ativa na construção do saber.

Assim, considera-se que este projeto foi, sob vários pontos de vista, bem conseguido, produzindo uma satisfação enorme pelos resultados alcançados, tanto sob o desenvolvimento do pensamento histórico dos alunos, como sob o desenvolvimento do seu espírito crítico e de exploração.

6.5. Limitações e Recomendações

No que respeita a limitações e recomendações é inevitável não se iniciar esta reflexão com o destaque para aquele que foi o maior e mais desafiante desafio e limitação: a pandemia mundial, sentida pela Covid-19. A ação pedagógica foi totalmente alterada e limitada pois, devido a restrições de circulações, recolhimentos, suspensão de aulas, de estágios e afins, foi impossível cumprir com o projeto planeado no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, ficaram várias atividades por realizar e, conseqüentemente, várias conclusões por apurar.

Uma outra limitação prende-se com a gestão do tempo na implementação do projeto no 1.º CEB. A turma tinha duas estagiárias, sendo que, ambas precisavam aplicar os seus projetos, era ainda necessário planificar aulas nas outras áreas curriculares, nomeadamente, em Matemática e Português, e, o tempo fez-se escasso, mas, ainda assim, foi possível executar todas as tarefas previstas.

Apesar de todos estes constrangimentos, o recurso a narrativas como tradições, lendas, mitos, a construção de lenços dos namorados e das cantarinhas permitiu estabelecer constantemente uma enorme interdisciplinaridade entre as diferentes áreas do saber (Português, Expressões Plásticas), e, um convívio direto com a comunidade escolar e extraescolar, já que, todos foram chamados a participar ativamente nas ações desenvolvidas.

Também foi possível a realização de todas as tarefas com o sucesso que se obteve, devido à constante organização junto do professor cooperante da turma, que sempre ajudou com conselhos, orientações, bem como, a professora orientadora do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ashby, R. (2003). O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções dos alunos *in Educação histórica e Museus*. In I. Barca (org.), *Actas das segundas Jornadas Internacionais de Eduacionais de Educação Histórica*, (pp 37-57). (CIEd Universidade do Minho

Ashby, R. (2006). Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as ideias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares. *Educar, Especial*, 151-170.
<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe/nspea09.pdf>

Atkinson, R. F. (1978). *Knowledge and explanation in history: An introduction to the philosophy of history*. Macmillan

Barbier, R. (1996). *La recherche-action*. Ed. Económica.

Barca, I. & Alves, L. (2016). Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional. In I. Barca & L. Alves (Ed.), *XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica* (pp., 23-36). Edição: CITCEM, FLUP.

Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Educatio*, 9, 235-245.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação*. Universidade Aberta.

Collingwood, R. G. (1946). *The Idea of History*. Oxford University Press.

Couto, M. (2013). *O outro pé da sereia*. Caminho, 225-226.

Dias, L. (2014). *A metodologia da aula-oficina no Ensino da História e da Geografia*.
https://run.unl.pt/bitstream/10362/15784/1/Liliana_Dias_Metodologia_aulaoficina.pdf.

DR (2001). *Lei de Bases do Património Cultural*. Disponível online em

https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/lei_107_2001_de_8_de_setembro-lei_de_bases_da_politica_e_do_regime_de_protecao_e_valorizacao_do_patrimonio_cultural.pdf

Faustino, H. (2018). *Recriação Histórica e Didática*. (Tese de Doutoramento em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116524/2/296703.pdf>.

Filipe, R. & Solé, G. (2018). O Potencial Didático do uso das Lendas no Ensino da História: um estudo com alunos portugueses do 2.º ano. *Diálogos*, 22 (2), 184-201. Doi:10.4025|diálogos.v22i2.41279.

Freitas, N. (2013). *Cultura e Tradição: As festas Nicolinas*. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança). Universidade do Minho.

Galvão, C. (2005). Narrativas em Educação. *Ciências & Educação*, 11(2), 327-345. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000200013>. (consultado a 29.06.21)

Gevaerd, F. (2011). Narrativa histórica: uma das formas pelas quais alunos e professores dão sentido ao passado histórico. In autores (Org.), *X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4732_2529.pdf

Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.

Leão, D. (1999). Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. *Cadernos de Pesquisa*, 107, 187-206. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08>

Madureira, I. M. (2012). *O Imaginário Português: estereótipos de Portugal e dos portugueses nas lendas populares*. (Relatório de Mestrado em Português Língua não Materna – Língua Estrangeira e Língua Segunda.) Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas.

Mascarell, F. (2005). *La cultura en la era de la incertidumbre: sociedad, cultura y ciudad*. Roca Editorial de Libros.

ME (2017). *Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória*.

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Merendeiro, C. (2021). *Família, poder e devoção: o caso dos Ribadouro nos séculos XI a XIII*. (Dissertação de Mestrado em História). Coimbra: Faculdade de Letras.

Oficina da Memória de Guimarães, (2020). *Cantarinha dos Namorados*. Disponível online em <https://www.aoficina.pt/site/loja-oficina-cantarinha-dos-namorados/>

Plano de Turma do 4o ano (2019)

Reis, R. (2013). *As recriações históricas em Portugal - Perspetivas e impactos*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 298-301.

Rüsen, J. (1993). El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. *Revista Propuesta Educativa*, 4 (7), pp. 75.

Shemilt, D. (1984). Beauty and the philosopher: Empathy in history and the classroom. In A. Dickinson, P. Lee & P. J. Rogers (Eds.), *Learning history* (pp.39-61). Heinemann.

Simão, A. (2007). *A construção da evidência histórica: concepções de alunos do 3º. Ciclo do ensino básico e secundário*. Tese de Doutoramento em Educação – Metodologias do Ensino da História e das Ciências Sociais (pp 76-80).

Simão, A. (2015). Repensando a evidência histórica na construção do conhecimento. *Diálogos*, 19 - 188.

Solé, G. (2004). O contributo do uso das lendas para a compreensão histórica: da teoria à prática. In M. do Céu Melo & José Manuel Lopes (Org.) (2004). *Narrativas Históricas e Ficcionalis - Recepção e Produção para Professores e Alunos*. Actas do 1o Encontro sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis (pp. 99-129). Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. Lusografe.

Solé, G. (2014) (Org.). Educação patrimonial. Novos desafios pedagógicos. CIED: Universidade do Minho. Disponível online em: ebook_educacao_patrimonial.pdf

Walter, B. (1987). Conto e cura. In: Obras escolhidas II. Rua de mão única. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. Brasiliense.

Watts, H. (1989). When teachers are researchers, teaching improves. *Journal of Staff Development.*, 6(2), 118-127.

Valadares, J.A. & Moreira M. A. (2009). *A Teoria da Aprendizagem Significativa Sua Fundamentação e Implementação*. Almedina.

Vilela, P. (2012). *A etnomatemática nos lenços dos namorados*. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança). Universidade do Minho.

Warner, J. (2003). *A mundialização da cultura*. Bauru: Edusc.

UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Disponível online em: <https://www.culturante.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/> (consultado a 08.10.19)

ANEXOS

Anexo A: Ficha de levantamento das concepções prévias sobre Património Imaterial

Ficha de Levantamento das Ideias Prévias sobre Património Imaterial	
Escola da- 4º. Ano	
Nome: _____	Data: _____











Olá, ouvi dizer que fazes parte de um Projeto que se chama "Pergunta ao Tempo" e, que tens feito muitas visitas e tens descoberto muitas coisas. Também me disseram que visitaste a Casa da Memória e, que já és um **Ás** em património! Ensina-me o que já sabes?

1. Tenho algumas ideias sobre Património, mas não sei se elas estão corretas. Podes ajudar-me colocando um V (Verdadeiro) nas ideias corretas e um F (Falso) nas incorretas?

Património é o conjunto de bens materiais (monumentos, edifícios, objetos...) que contam a história de um povo.	___
Património é o conjunto de bens imateriais (lendas, tradições, costumes ...) que contam a história de um povo.	___
Não existe Património na cidade de Guimarães.	___
O Património pode ser ambiental.	___
O Património pode ser cultural e natural.	___
Na cidade de Guimarães, o único Património que existe é o Castelo de Guimarães.	___

2. Enviaram-me algumas imagens (várias até foram captadas na Casa da Memória). No entanto, eu não sei distinguir as que são Património **Material** das que são Património **Imaterial**. Consegues ajudar-me?

	1. Património _____
	2. Património _____

	<p>3. Património _____</p>
	<p>4. Património _____</p>
	<p>5. Património _____</p>
	<p>6. Património _____</p>
	<p>7. Património _____</p>
	<p>8. Património _____</p>
	<p>9. Património _____</p>
	<p>10. Património _____</p>



11. Património _____



12. Património _____



13. Património _____



14. Património _____

3. Já reparei que entendes muito sobre Património. Consegues então, dizer-me, por palavras tuas, o que é Património?

4. Indica três formas de Património Imaterial existentes na cidade de Guimarães,

5. Dos seguintes monumentos assinala os que fazem parte do património histórico de Guimarães, identificando-o.

Foste uma grande ajuda! Vou já contar tudo o que aprendi contigo aos meus amigos e familiares.



Anexo B: Ficha de levantamento das conceções prévias sobre "As Nicolinas"

Ficha de Levantamento das Ideias Prévias sobre "As Nicolinas"	
Escola da EBI – 4º. Ano	
Nome: _____	Data: _____



Olá, eu sou o Nicolino e gostaria que me contasses tudo o que sabes sobre as minhas festas. Vamos a isso?

1 – Já participaste nas Nicolinas? *(Assinala uma opção)*

Sim _____

Não _____

2 – Sabes a que diz respeito a tradição das Nicolinas?

3 – A que Santo se dirigem?

4 – Assinala o período em que decorrem as Nicolinas. *(Assinala uma opção)*

De 29 de novembro a 07 de dezembro _____

De 01 de novembro a 01 de dezembro _____

De 07 de dezembro a 25 de dezembro _____

5 – Completa a frase com a palavra correta:

Material / Imaterial

As Nicolinas fazem parte do património _____ da cidade de Guimarães.

Anexo C: Pregão Nicolino 2019

Pregão Nicolino 2019

S. Nicolau, patrono dos estudantes
Rogamos para nós tua atenção
E de novo pedidos te vimos fazer,
Em nome desta terra e da nação,
Pois, temos carências que não mudaram,
E outras mais que se lhe juntaram.

Em casa, na rua e na escola, anda toda a gente nervosa,
Já ninguém tem tempo para dialogar,
E paciência só para na internet navegar!
Nas escolas não há funcionários para tomar conta das crianças,
Falta dinheiro para investir na educação,
Os professores, lançam nas greves as suas esperanças,
Mas o Costa, parte-lhes o coração.

Os incêndios diminuíram,
E parece que muitos já se esquecem
Dos que em Pedrógão partiram,
E dos vivos que de várias carências ainda padecem.
O Senhor Presidente, continua em todo o lado a aparecer,
As árvores na mata é que parecem continuar a correr o risco de morrer!

Em Guimarães, tudo parece ir muito melhor,
São turistas em cada esquina.
Pior só mesmo para o património,
Que está num grande pandemónio:
No centro histórico perdem-se as pessoas,
Que já não têm dinheiro para a renda pagar,
Com elas vão as histórias e todas as suas memórias.
Ou seja, o turismo é bom para descobrir e ver,
Mas não em muita quantidade,

Em vez de ganharmos, só ficamos a perder.

Em Portugal o futebol é o desporto rei,
Mas existem outros desportos aos quais devemos dar atenção.
Pois, isso eu já sei!
E tu, já pensaste nesta questão?
Kickboxing, atletismo, e outras modalidades,
Também têm tido ótimos resultados,
E mesmo sendo diferentes,
Devem deixar os vimaranenses contentes.

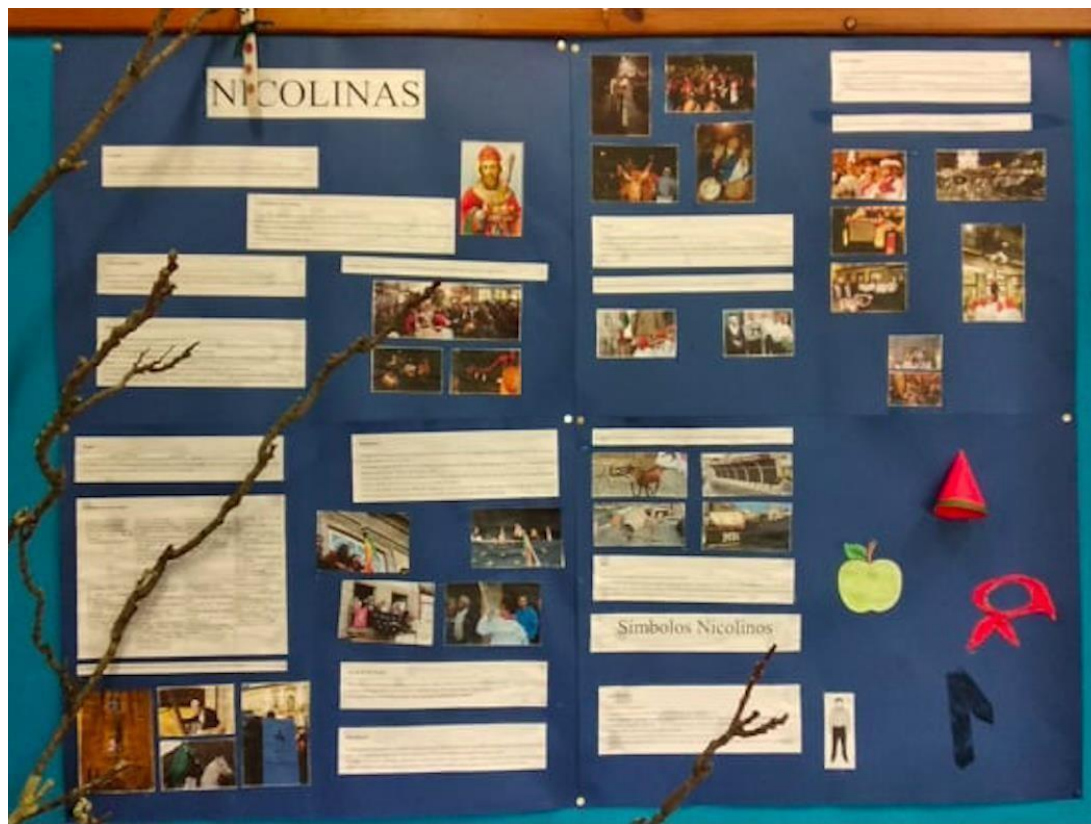
Aqui na nossa escola,
Melhorar o comportamento é essencial,
E, colocar redes nas balizas para apanhar a bola,
E que era bestial!
Também era interessante, dar-nos o parque para brincarmos,
Ou então, arranjar a cantina, para não chover enquanto almoçamos.
Em bem da verdade,
Também a relva e o espaço coberto continuam a faltar,
Uma escola com esta idade,
Da reforma está a precisar.

Mas, como o PS foi reeleito,
Se calhar, até vem a prometida escola nova,
Precisamos é de colocar a paciência a jeito,
E de acreditar que o Bragança nos renova!
Se bem que, passar fases à frente está na moda,
Imaginem só, que na escola já ninguém reprova!
Que progressistas estamos,
Estudando muito ou pouco, nunca chumbamos.

Mas agora, é quase Natal,
E hora de alegria,

Pensemos nas rabanadas, nos sonhos e na aletria.
Deixemos as tristezas de lado,
Peguemos nos tambores e rufemos!
Com toda a força Nicolina,
Vamos mostrar o poder que nós, vimaranenses temos.
Rufai, rufai agora sem parar,
Alegrai-vos neste dia de Pregão,
Que um dia o país irá mudar.

Anexo D: Mural sobre "As Nicolinas"



Anexo E: Ficha biográfica de Egas Moniz

FICHA BIOGRÁFICA – 4ºAno, 1ºCEB	
Tema: Egas Moniz, o Aio de D. Afonso Henriques	
Nome dos elementos do par:	Data:
_____	_____
_____	_____

BIOGRAFIA DE EGAS MONIZ, O AIO DE D. AFONSO HENRIQUES

Após teres feito a tua pesquisa sobre a figura histórica de Egas Moniz, com os dados que recolheste, preenche os seguintes espaços:



Figura 1. Retrato de Egas Moniz. Disponível online em: <https://www.guimaraes.pt> (08.11.19)

a. Quem foi Egas Moniz?

b. Que papel desempenhou na vida de D. Afonso Henriques?

c. Que manifestações existem atualmente, que relembram a existência de Egas Moniz na cidade de Guimarães? (Ruas, praças, escolas, hotéis, exposições, gastronomia...)

Anexo F: Ficha de exploração de Lendas sobre Egas Moniz

FICHA EXPLORAÇÃO – 4ºAno, 1ªCEB	
Tema: Egas Moniz, o Aio de D. Afonso Henriques	
Nome: _____	Data: _____

Parte I

LENDA DE EGAS MONIZ, O AIO DE D. AFONSO HENRIQUES

Conta a História que, em 1127, D. Afonso VII, rei de Leão e Castela, cercou Guimarães para obrigar D. Afonso Henriques a prestar-lhe vassalagem.

Perante tal situação, Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, abeirou-se de D. Afonso VII e prometeu-lhe que o seu primo o respeitaria como rei, se ele levantasse o cerco. Cedendo a esta promessa, D. Afonso VII levantou o cerco.

Porém, volvido apenas um ano, D. Afonso Henriques não cumpriu a palavra dada pelo seu aio e invadiu a Galiza.

Diante deste incumprimento e, muito envergonhado com a situação, Egas Moniz, descalço e de corda ao pescoço, foi com a sua mulher e filhos apresentar-se, em Toledo, ao rei de Leão e Castela, colocando a sua vida e a dos seus ao dispor do monarca.

Perante tal ato de honradez, D. Afonso VII perdoou a Egas Moniz e mandou-o em paz...

Ao entregar-se, Egas Moniz ressalva a sua honra e também a de Afonso Henriques, assegurando através da sua astúcia a futura independência de Portugal.

O túmulo de Egas Moniz encontra-se na Igreja de S. Salvador de Paço de Sousa, em Penafiel.

(Versão Popular)

Mediante a leitura da Lenda de Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, responde às seguintes questões:

1. Quem é a figura retratada na Lenda? (Assinala com um X a resposta correta)

Afonso Henriques

Afonso VII

Egas Moniz

Rei de Leão e Castela

2. Em que tempo decorreu a história? (O início e o fim) (Assinala com um X a resposta correta)

Entre 1127 e a morte de Egas Moniz. ___

Entre 1127 e o perdão de D. Afonso VII. ___

3. O que levou Egas Moniz a prometer vassalagem de D. Afonso Henriques ao seu primo?

4. Para onde se dirigiu Egas Moniz após o incumprimento da sua promessa? E porque o fez?

5. Como foi recompensada a atitude de Egas Moniz?

6. Onde está sepultado Egas Moniz?

7. Concordas com a atitude de Egas Moniz? Justifica a tua opinião.

Parte II

ERA UMA VEZ UM REI CONQUISTADOR

Era uma vez um rei que, antes de ser rei, foi apenas menino, mesmo sendo filho de um conde poderoso que tinha para ele grandes sonhos e projetos.

(...) Assim, quando o menino nasceu, Portugal ainda não existia, mas o menino sonhava com o dia em que o Condado Portucalense se erguesse como reino soberano e ele pudesse ser coroado rei.

Nesse tempo, havia muito menos brinquedos do que há hoje. O menino brincava com coisas simples e gostava especialmente de uma espada de madeira que Egas Moniz, fidalgo que tomara conta da sua educação após a morte de seu pai, mandara fazer para ele. Com Egas Moniz, Afonso aprendera as primeiras letras, os nomes das árvores e dos rios, dos grandes cavaleiros e das estrelas do céu.

- Tem cuidado com esta espada, para não te aleijares e não magoares os teus amigos. Um dia terás uma espada a sério para combateres os teus inimigos, que serão também os inimigos do teu reino, e nessa altura há-de usá-la para defender Portugal - disse Egas Moniz, homem de poucas palavras, mas com vontade de ferro.

Foi com ele que Afonso Henriques, ainda menino, aprendeu a usar o falcão para caçar e a espada para se defender, a apontar o lugar das cidades no mapa e a garantir o valor da palavra dada, que na boca certa, vale tanto como um tesouro. Ao longo da vida, o menino tornado homem e depois feito rei gostou sempre de dizer que era um homem de palavra.

(...) Afonso Henriques ouvia sempre as palavras sábias de Egas Moniz com grande atenção e respeito. Mais velho e experiente, era para ele como um segundo pai, já que o verdadeiro morrera antes de tempo.

(Excertos do livro *Era uma vez um Rei conquistador*, José Jorge Letria, Oficina do Livro, 2ª Edição)



1. Tendo como base o excerto anterior, faz o retrato físico e psicológico de Egas Moniz.

Anexo G: Ficha de Metacognição Final

Ficha de Metacognição sobre Património Imaterial

Escola da Turma: 4.º Ano

Nome: _____ Data: _____

1. Considera as afirmações seguintes sobre Património. Assinala com (X) as afirmações **Verdadeiras**.

Património é o conjunto de bens materiais (monumentos, edifícios, objetos...) que contam a história de um povo.	
Património é o conjunto de bens imateriais (lendas, tradições, costumes...) que contam a história de um povo.	
Não existe Património na cidade de Guimarães.	
Guimarães é uma cidade rica em Património Imaterial.	
O Património pode ser ambiental.	
O Património pode ser cultural e natural.	
O Castelo de Guimarães é o único Património existente na cidade.	
As Nicolinas são uma tradição histórica local, pertencente ao Património Material de Guimarães.	
As Nicolinas são Património Imaterial nacional.	
As Lendas podem ser consideradas fontes históricas.	
A Lenda de Egas Moniz não se classifica como Património Imaterial.	
O Lenço dos Namorados e a Cantarinha dos Namorados são considerados Património Imaterial local.	

2. Indica **três** formas de **Património Imaterial** existente na cidade de **Guimarães**.

3. Indica a que **Santo** respeitam a tradição **Nicolina**.

--

4. De entre as palavras seguintes, assinala aquelas que são consideradas **símbolos** da tradição **Nicolina**.

Maçã	
Avental	
Tambor	
Pinheiro	
Pregão	

Lenço	
Pai Natal	

5. Completa a frase seguinte:

“A **Lenda de Egas Moniz** conta uma história sobre o aio de D. Afonso Henriques e, é considerada Património _____ de Guimarães.”

6. Conta, de forma sucinta a “**Lenda de Egas Moniz**”.

7. Classifica afirmação: “O **Lenço dos Namorados** e a **Cantarinha dos Namorados** fazem parte do Património local de Guimarães”, como:

a) Verdadeira ____ ou b) Falsa ____

8. Indica três símbolos que podem ser encontrados nos “Lenços dos Namorados”.

9. Indica duas das várias simbologias atribuídas à “Cantarinha dos Namorados”.

10. Ordena as atividades seguintes, colocando por ordem da que mais gostaste de realizar até à que menos gostaste.

1 Visita de Estudo à Casa da Memória	2 Desfile Nicolino	3 Pregão Nicolino	4 Construção do "Mural Nicolinas"	5 Construção da biografia de Egas Moniz	6 Dramatização da história construída a partir da Lenda de Egas Moniz
7 Construção dramática a partir da Lenda de Egas Moniz	8 Dramatização da história construída a partir da Lenda de Egas Moniz	9 Testemunho sobre o "Lenço dos Namorados" e a "Cantarinha dos Namorados"	10 Construção da Exposição de Cantarinhas e Lenços	11 Construção dramática a partir da Lenda de Egas Moniz	

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

11. Consideras o que aprendeste sobre Património Imaterial local (assinala apenas uma opção):

Pouco satisfatório	
Satisfatório	
Muito Satisfatório	

12. Assinala as opções que representam a forma como te sentiste durante as aprendizagens sobre Património Imaterial de Guimarães:

Motivado		Participativo		Insatisfeito	
Entediado		Envergonhado		Crítico	
Curioso		Satisfeito		Ouvido	

13. Indica uma ou mais sugestões de tipos de aulas, que gostarias de ter.

Tabela 1- Calendarização das atividades realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 1º. CEB

	Estratégias Pedagógicas	Estratégias de investigação e recolha de dados	Trabalho desenvolvido no âmbito do contexto e do projeto
Outubro		<ul style="list-style-type: none"> - Observação de aulas lecionadas pela professora cooperante de turma do 4ºano; - Realização de reflexões periódicas. - Visita à Casa da Memória, em Guimarães. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recolha de informação respeitante ao contexto pedagógico. - Registo das observações das aulas da professora cooperante. - Elaboração do projeto de intervenção pedagógica. - Observação e recolha de informação para o projeto.
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> - Planificação de aulas extra-projeto. - Leccionamento de aulas extra-projeto, relativas às áreas do saber de Português e Matemática. - Levantamento de conceções prévias sobre Lendas e tradição oral. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantamento das ideias prévias (Ficha de Trabalho). - Pesquisa de tradições, lendas e costumes de Guimarães. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão de literatura. - Seleção e exploração das Lendas a serem trabalhadas. - Início da implementação do projeto de intervenção pedagógica.
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de atividades de implementação do projeto: leitura e exploração de diferentes versões da mesma lenda; pesquisa e tratamento sobre tradições e 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração de diferentes versões da mesma Lenda (Ficha de Trabalho). - Construção e adaptação de uma lenda para recriação histórica. - Sistematização de tradições 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão de literatura - Implementação do projeto. - Construção das Fichas de Trabalho. - Preparação e implementação da recriação histórica.

	<p>costumes de Guimarães – Património Imaterial.</p> <p>- Estabelecer relação entre a História local e a História nacional.</p>	<p>em poster/folheto informativo.</p> <p>- Visita de Estudo a espaços relacionados com as Lendas e tradições.</p>	
Janeiro	<p>- Sistematização dos dados recolhidos no âmbito do projeto.</p> <p>- Consolidação das aprendizagens sobre o tema.</p> <p>- Divulgação do projeto;</p>	<p>- Análise dos trabalhos produzidos pelos alunos.</p> <p>- Reflexão sobre os trabalhos realizados até então.</p> <p>- Breve análise dos resultados.</p> <p>- Ficha de metacognição.</p> <p>- Conclusão do projeto no 1ºCEB.</p>	<p>-Continuação da implementação do projeto.</p> <p>- Avaliação do projeto (Ficha de Metacognição).</p>
Fevereiro	<p>- Início do estágio no 2º CEB.</p>		

Tabela 2 - Calendarização das atividades a serem realizadas no âmbito do projeto desenvolvido no 2º. CEB

	Estratégias Pedagógicas	Estratégias de investigação e recolha de dados	Trabalho desenvolvido no âmbito do contexto e do projeto
Fevereiro		<p>- Observação de aulas lecionadas pela professora cooperante de turma do 5ºano;</p>	<p>- Recolha de informação respeitante ao contexto pedagógico.</p> <p>- Registo das observações</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - Realização de reflexões periódicas. - Visita à Igreja de Nossa Senhora da Oliveira. 	<p>das aulas da professora cooperante.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elaboração do projeto de intervenção pedagógica. - Observação e recolha de informação para o projeto.
Março	<ul style="list-style-type: none"> - Planificação de aulas extra-projeto. - Leccionamento de aulas extra-projeto, relativas às áreas do saber de Português. - Levantamento de conceções prévias sobre Lendas e tradição oral. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantamento das ideias prévias (Ficha de Trabalho). - Pesquisa de tradições, lendas e costumes de Guimarães. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão de literatura. - Seleção e exploração das Lendas a serem trabalhadas. - Início da implementação do projeto de intervenção pedagógica.
Abril	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de atividades de implementação do projeto: leitura e exploração de diferentes versões da mesma lenda; pesquisa e tratamento sobre tradições e costumes de Guimarães – Património Imaterial. - Estabelecer relação entre a História local e a História nacional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração da ligação entre a Batalha de Aljubarrota e a construção da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira; exploração de diferentes versões da mesma Lenda (Ficha de Trabalho). - Construção e adaptação de uma lenda para recriação histórica. - Sistematização de tradições em poster/folheto informativo. - Entrevista a pessoas com ligação à tradição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão de literatura - Implementação do projeto. - Construção das Fichas de Trabalho. - Preparação e implementação da recriação histórica.

Maio	<ul style="list-style-type: none"> - Sistematização dos dados recolhidos no âmbito do projeto. - Consolidação das aprendizagens sobre o tema. - Divulgação do projeto; 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos trabalhos produzidos pelos alunos. - Reflexão sobre os trabalhos realizados até então. - Breve análise dos resultados. - Ficha de metacognição. - Conclusão do projeto no 2º. CEB. 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação da implementação do projeto. - Avaliação do projeto (Ficha de Metacognição).
Junho	<ul style="list-style-type: none"> - Produção do relatório final. 		